

A RECEPÇÃO LITERÁRIA NA INVENÇÃO DA WICCA: UM PANORAMA CONTEXTUAL

Pamella Louise Camargo ¹

Antonio Paulo Benatte ²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto uma forma de expressão mágico-religiosa denominada Wicca, uma das vertentes do paganismo moderno, ou neo-paganismo.

Pagão é uma palavra derivada do latim *paganus* cujo significado é “habitante do campo”, é uma palavra de cunho pejorativo para designar o que para nós soaria com “caipira” ou camponês. Adotada por diversas culturas em várias épocas, foi ressignificada inúmeras vezes e utilizada inclusive como insulto por grupos religiosos conflitantes, passando também a designar pessoas sem religião. No século XX, na Inglaterra, foi adotada por um grupo religioso emergente para autodesignação, novamente ressignificando o sentido deste termo, mas de forma totalmente positiva, assim como também foi o caso do termo “bruxo”, como ficará claro mais adiante.

Joyce e River Higinbotham, em *Paganismo: uma introdução da Religião Centrada na Terra* fazem o seguinte comentário:

O termo “Pagão”, acima de tudo, refere-se a culturas arcaicas, tribais e geralmente pré-cristãs que estão extintas em sua maioria. Para evitar confusões entre o paganismo histórico e o movimento moderno, muitos cientistas sociais e também Pagãos decidiram que preferem o termo “Neopagão”. (HIGGINBOTHAM, 2003, p. 25)

Devido a este fato, utilizaremos o termo *neopaganismo* para referir-se ao movimento religioso moderno.

O neopaganismo, expressão religiosa centrada na terra, é definido por Claudiney Prieto (2009, p.8) como (...) *um termo amplo e geral dado às formas de espiritualidade panteístas, animistas, totêmicas, de bases xamanísticas e na maioria das vezes politeístas que são centradas nas forças da natureza*. Dessa forma, o termo não faz menção a uma única e definida religião, e sim engloba em si várias tradições com apenas algumas características básicas em comum. Como afirma Duarte (2008, p.4) (...) *é um “termo guarda-chuva” que abriga diversas denominações religiosas que possuem apenas um substrato comum*. Complementando:

Sob o guarda-chuva do paganismo, são encontradas diversas tradições como Wicca, Xamanismo, Asatru, Eclética, Tradições Familiares, Tradicionalismo Celta, Druidismo, Strega, Santeria, Vudu, Magia Cerimonial, Tradições de Mistério, solitárias, assim como uma vasta variedade de caminhos Mistos. (HIGGINBOTHAM, 2003, p. 27)

Palavras - chave:
Wicca; Bruxaria; Recepção literária; Invenção de tradições.

Resumo: No contexto entre-guerras, o afloramento da contracultura, movimentos nacionalistas e literários, se fez acompanhar, na Inglaterra, pelo início de uma nova religião. Denominada Wicca, esta nova forma de expressão religiosa, centrada na bruxaria e no paganismo, se revelou profundamente marcada pelo contexto histórico de seu surgimento. No presente estudo busca-se analisar este complexo contexto, buscando compreender as características desta religião a partir de suas diversas influências, sejam estas contraculturais, literárias e até mesmo acadêmicas.

¹ Graduada em História pela UEPG.

² Orientador. Doutor em História (UNICAMP). Professor do Depto. de História e do Mestrado em História (UEPG).

Independente dessa grande variedade de tradições do neopaganismo, existem algumas características e traços que praticamente todos observam e respeitam. O neopaganismo é uma religião reencarnacionista, isto é, acredita na reencarnação; apesar da grande liberdade de escolha, é uma religião que acredita que cada indivíduo é responsável pela crença que adota; que cada um é responsável por suas ações e desenvolvimento espiritual próprio; que tudo contem uma centelha de inteligência e, portanto, tudo é sagrado e que a consciência sobrevive à morte. Todos os pagãos possuem uma reverência pela natureza, pois crêem que todo o universo está interconectado e que cada parte dele é abençoada pelo divino; e, além disso, a maioria respeita algumas épocas específicas do ano chamadas de *Sabats* e *Esbats*.

A tradição neopagã da Wicca, objeto deste estudo, pode ser definida como *uma religião de Mistérios e veneração à natureza com suas crenças, práticas e profunda filosofia centrada no Paganismo* (Prieto, 2009, p.8). É uma crença mágico-religiosa, isto é, acredita na magia, possui uma estrutura baseada na adoração a um Casal Divino, a Deusa e o Deus; não é proselitista, isto é, não busca novos membros nem possui pregação, assim como não possui um templo específico, embora seja uma religião já oficializada nos Estados Unidos da América.

Jean Duarte, em sua dissertação de mestrado, nos dá alguns números relevantes a serem analisados: mais de 400 mil praticantes de neopaganismo, mais de 350 festivais neopagãos anuais e pelo menos 5000 websites destinados ao assunto. Estes números foram retirados da obra da jornalista americana Morgot Adler, *Drawing Down the Moon*, e diz respeito apenas aos Estados Unidos em 2006. Duarte afirma ainda que o neopaganismo, mesmo sendo umas das religiões que mais se expande, é *uma das manifestações religiosas menos estudadas pelos pesquisadores acadêmicos* (DUARTE, 2003, p.4). Estes dados são um reflexo de um campo ainda pouco explorado historicamente e que urge conhecer, pois a história do neopaganismo como manifestação religiosa ainda é repleta de lacunas tanto para a história tanto para os próprios praticantes.

Os temas de feitiçaria e bruxaria são estudados mais nos campos da história e antropologia; entretanto, esta nova manifestação religiosa que ressignifica a condição do bruxo na contemporaneidade tem pouca atenção acadêmica. *The Triumph of the Moon*, do professor Ronald Hutton, é uma primei-

ra tentativa de englobar em um panorama geral a origem e as especificidades das crenças wiccanas. Depois desta obra, surgiram algumas outras buscando recortes específicos nos Estados Unidos, mas no Brasil este ainda é um tema pioneiro que, acredito, tem muito a oferecer ao campo fronteiriço da história e da antropologia.

Assim como todo trabalho histórico, este optou por um recorte, visto a impossibilidade de dar conta da totalidade dos problemas. Este recorte, é importante deixar claro, está diretamente ligado à concepção do que é mais ou do que é menos relevante por parte de quem o escreve, o que não quer dizer que de fato o seja. Como qualquer recorte, estes não estão desprovidos de uma carga ideológica: são escolhas conscientes que não devem ser naturalizadas e sim pensadas como uma construção, afinal esta obra, como qualquer outra, só pode ser filha de seu tempo e de um contexto que a permitiu existir.

Dessa forma, as perguntas que embalsamaram a realização deste trabalho nasceram de uma trajetória particular em decorrência de um trabalho anteriormente realizado, baseado na análise qualitativa e na observação participante. Através deles foi possível perceber a semiótica cultural da religião wicca, e também o levantamento de várias questões a serem analisadas e respondidas, senão neste trabalho, talvez em outros.

A semiótica da religião pode ser compreendida a partir da concepção defendida por Robert Darnton, na qual os símbolos não são equivalências fixas, mas implicam uma relação mais complexa do que significante e significado. Para a compreensão desta relação é necessário estar inserido ou ao menos conhecer a cultura na qual o símbolo faça sentido para poder 'pegá-lo'. Essa noção está presente em sua obra *O beijo de Lamourette*, mais especificamente em seu capítulo *História e Antropologia*, no qual Darnton cita Michael Herzfeld: *Os símbolos não representam equivalências fixas, mas analogias contextualmente compreensíveis*. (DARNTON, 1990, p. 285).

Através desta semiótica e da experiência de campo foi possível conhecer as práticas, os rituais, as metáforas, os símbolos, signos e representações; mas o quesito histórico possuía várias lacunas. Ao buscar preenchê-las, deparei-me com certas informações muito interessantes, algumas delas contradições iminentes e outras que não pude em um primeiro momento relacionar com o que aprendi na prática. Neste sentido, meu objeto me levou cada

vez mais ao passado – como é característico, como se poderá perceber, da cosmologia wiccana –, buscando no contexto histórico respostas para as questões levantadas.

Esse trabalho é, portanto, justamente este retorno a um passado contextual e de certa forma bibliográfico, afinal muito do que se vive hoje na wicca se perpetuou por obras escritas, acadêmicas e literárias. E através do levantamento dessas obras é possível traçar um panorama geral dos textos que influenciaram ou compuseram a origem e afloramento da wicca na modernidade.

Para tanto usarei a experiência adquirida de forma prática no trabalho de campo inicial; mas neste trabalho o foco incidirá na pesquisa e análise bibliográfica, assim como na recepção e repercussão desta bibliografia e sua influência e importância para nossa compreensão da wicca. Nesse sentido, recepção será aqui compreendida pelo viés defendido por Peter Burke, como uma *bricolage*:

Quase sempre os encontraremos [os indivíduos] praticando uma forma de *bricolage*, em outras palavras, escolhendo com base na cultura que os rodeia qualquer coisa que considerem atraente, relevante ou útil, assimilando-a (consciente ou inconscientemente) àquilo que já possuem. Alguns indivíduos são mais atraídos pelo exótico do que outros, mas todos eles domesticam suas descobertas por meio de um processo de reinterpretação e recontextualização. Em outras palavras, leitores, ouvintes e observadores são apropriadores ativos, em vez de receptores passivos. (BURKE, 1997, p.14).

Assim compreenderemos essa recepção da bibliografia analisada como ativa e ressignificadora dos traços recebidos, criando, como nos complementa Certeau, um *patchwork* com os traços recebidos, como o autor nos define na seguinte passagem de sua obra *A invenção do cotidiano*:

Ela (a estatística) consegue captar o material dessas práticas, e não a sua *forma*; ela baliza os elementos utilizados e não o “fraseado” devido à bricolagem, a inventividade “artesanal”, à discursividade que combinam estes elementos, todos recebidos, de cor indefinida. (...) Ela Reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo à proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano. (CERTEAU, 1994, p. 46).

É a partir desses conceitos que este trabalho será construído, assim como também da análise da bibliografia levantada, mediante os quais buscarei responder a uma série de questões que não puderam ser respondidas anteriormente. A primeira questão busca entender a recepção de traços e influências

das correntes esotéricas do século XIX, a invenção de tradições do pós-guerra inglês e a repercussão de obras literárias e acadêmicas para a constituição da wicca em 1954. A segunda questão se refere a como a wicca, em seu processo constitutivo, foi relacionada à bruxaria e como a partir disso se formou uma identidade wiccana relacionada às bruxas da inquisição, cujo culto teria suas origens no paleolítico. Em síntese buscaremos, através da noção cultural de recepção ativa, analisar o processo de construção de uma continuidade “forçada”, mediante a qual os wiccanos elaboram um mito de origem. Para tanto, esta pesquisa foi separada em três ‘momentos’ ou dimensões temporais: o século XIX, o século XX e a contemporaneidade. Nos dois primeiros recortes busquei apresentar as obras doadoras de traços mágico-religiosos; no último recorte busquei compreender como estes traços foram de fato recebidos e ressignificados ativamente pelas comunidades interpretativas wiccanas.

Dessa forma, buscarei criar um panorama que permita a compreensão do contexto de formação da wicca e como esta se tornou a religião mencionada acima, reencarnacionista e naturalista, cujas bases estão na natureza e sua filosofia no paganismo, características construídas no decorrer de sua formação. A partir da compreensão deste contexto, busquei responder às questões aqui colocadas. Para tanto devemos compreender a formação da wicca e do neopaganismo, e neste caso é necessário voltar para o já mencionado panorama contextual, cujo século XIX é o grande doador de traços incorporados pela wicca em sua criação. Na construção desse objeto, terei sempre presente à afirmação do historiador e teólogo Alfredo dos Santos Oliva (2007, p. 21), o *historiador da religião deve estar preocupado em produzir conhecimento academicamente rigoroso e não subsídios para uma apologia seja ela secular ou religiosa*.

As correntes esotéricas

A religião diz: Crede e compreendereis. A ciência vem dizer-vos: Compreenderei e creereis.

Então, toda a ciência mudará de rosto; o espírito, há muito destronado e esquecido, retomar seu lugar; demonstrar-se-á que as tradições antigas são todas verdadeiras; que todo paganismo não passa de um sistema de verdades corrompidas e deslocadas; que basta limpá-las, por assim dizer, e recolocá-las em seu lugar, para vê-las brilhar com todos os seus raios.

J. de Maistre, *Soirées de Saint-Petersbourg*

Do ponto de vista da história das religiões, o século XIX é um século de transição e de profundas mudanças. Partiremos dele, pois foi nesse tempo que emergiu ou repercutiu mais intensamente as chamadas correntes ‘esotéricas’, muito importantes para a posterior formação da wicca.

Inicialmente, é necessária uma explicação acerca da noção de esoterismo; termo amplo e complexo, o esoterismo engloba em si diversas tradições com um núcleo comum. Segundo Antoine Faivre,

O conteúdo léxico do termo “esoterismo” é frágil (eso significa “dentro” e ter evoca uma oposição). Como qualquer termo por si só bastante vazio de sentido, este revelou-se passível de ser inchado, permeável, semanticamente superdeterminável. Daí não se tratar de interrogar sua etimologia, mas sua função, que é evocar um feixe de atitudes e um conjunto de discursos. (FAIVRE, 1994, p.8).

Dessa forma não buscaremos nos atentar à definição do termo, mas o compreenderemos, como proposto por Faivre, a partir de duas concepções que dizem respeito a um conjunto discursivo, num sentido amplo, para não deixar de lado nenhuma corrente que nos será útil posteriormente. A primeira evoca a ideia de ‘segredo’, não exatamente no sentido de ser escondido ou de difícil acesso – visto que as obras que falaremos possuem muita repercussão e não são indisponíveis a quem busca conhecê-las –, e sim no sentido de *segredo sugerindo que só se tem acesso à compreensão de um mito ou do real por um esforço pessoal de elucidação progressivo com vários níveis sucessivos* (FAIVRE, 1994, p.10). Ou seja, é um conhecimento dependente de uma vontade pessoal.

A segunda concepção diz respeito a um ‘conhecimento central’, um *lugar espiritual a ser atingido para além dos caminhos ou técnicas apropriadas – diversos de acordo com as escolas e correntes – que podem levar até ele* (FAIVRE, 1994, p.10). Esta definição abarca diversas correntes que se desenvolveram a partir dos onze primeiros séculos da nossa era. Resumidamente, podemos considerar aqui o hermetismo alexandrino, tratando de alquimia,

astrologia, filosofia da natureza, teosofia e teurgia, surgida da obra *Corpus Hermeticum*, redigida entre os séculos I e III; junto a este se encontram o neopitagorismo³, o estoicismo⁴ e o neoplatonismo⁵. Entre os séculos V e VI surge a cabala judaica, a partir da obra *Sepher Yetzirah* (*Livro da Criação*); no século IX, as Epístolas árabes; no X, o *Picatrix*, um tratado de conhecimentos mágicos.

Não aprofundaremos nenhum desses *corpora* documentais em específico; o que nos interessa é a sua repercussão na Europa e a sua influência na criação de posteriores tradições específicas. É, portanto, a partir destas correntes citadas que se percebe um *corpus* esotérico em formação. Faivre separa este *corpus* entre as ‘ciências tradicionais’: alquimia, astrologia e magia, e destas partem afluentes, a saber, as correntes que surgem a partir do final do século XV sob as influências das obras escritas e correntes místicas acima citadas. Esse mesmo historiador afirma que,

A partir do final do século XV, esses afluentes são a cabala cristã (adaptação da cabala judaica), o hermetismo neo-alexandrino, os discursos inspirados pela ideia de *philosophia perennis* e de “tradição primordial”, a filosofia da natureza de tipo paracelista e depois romântica (uma parte da *Naturphilosophie* alemã), e a partir do século XVII a teosofia e o rosacruçianismo (a princípio germânicos), assim como as associações ulteriores (sociedades iniciáticas mais ou menos inscritas na esteira deste último). Chegou-se a acreditar que esses afluentes e esses rios iriam desaparecer com o Renascimento. Porém, quando se realizou a grande ruptura epistemológica do século XVII, eles sobreviveram, e o cientificismo do século XIX não os fez se esgotarem. (FAIVRE, 1994, p.14).

Não apenas não os fez se esgotarem, como o século XIX foi o momento de emergência ou afirmação de várias correntes que a partir de seu início já se denominavam de ‘tradição’. Aqui devo novamente me voltar a Faivre quando este afirma que

O trabalho do historiador não consiste em se perguntar se tal tradição existiu realmente, em si, antes do Renascimento, invisível e escondida por trás do véu da história factual, mas em tentar apreender

3 Sistema composto de princípios platônicos, estoicos, aristotélicos, dominados pelo misticismo pitagórico, por uma tendência à matemática, às ciências naturais e pelo simbolismo dos números. Floresceu em Alexandria. In: Dicionário Online de Português, disponível em: <http://www.dicio.com.br>

4 Corrente filosófica predominante na Antiguidade clássica durante mais de cinco séculos (300 a.C. - 200 d.C.) e que sobreviveu, de vários modos, na cultura ocidental até aos nossos dias. O nome deriva da Stoa paikile (pórtico ornado com as pinturas de Polignoto) de Atenas, local em que Zenão, seu fundador, começou a ensinar. A corrente: “Apregoava a vida contemplativa acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. Seu ideal, portanto, é de ataraxia ou apatia.” In: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Verbo, [s. d. p.]

5- Corrente filosófica fundada por Amônio Sacas (séc. II), em Alexandria, e cujos representantes principais são Plotino, filósofo romano (204-270), em Roma, Jâmbico, filósofo grego (c. 250-330), na Síria, e Proclo, filósofo grego (410-485), em Atenas. Caracterizava-se pelas teses da absoluta transcendência do ser divino, da emanção e do retorno do mundo a Deus pela interiorização progressiva do homem. In: FERREIRA, A. B. de H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s. d. p.].

a emergência dessa ideia nas imagens e discursos, isto é, por meio das formas que assumiu até hoje. (FAIVRE, 1994, p.13).

Neste caso, sabemos que várias destas tradições têm a característica marcada de buscar sua origem em tempos cada vez mais remotos, em uma espécie de 'mito de origem'. Assim sendo, não cabe neste trabalho este questionamento, e nem mesmo buscar a "real" origem dessas correntes, e sim partir de certas tradições bem definidas no século XIX, cuja influência permitiu o nascimento da wicca no século XX.

O século XIX e as sociedades iniciáticas

O professor Ronald Hutton afirma que uma das características da Europa dos séculos XVIII e XIX foi o *crescimento e propagação de sociedades secretas, nas quais os membros eram iniciados através de um juramento de manter a confidenciais os seus protocolos, e que continham um forte elemento cerimonial* (HUTTON, 1999, p. 52). Essas sociedades descendem dos afluentes já mencionados; dentre elas, as de grande importância e destaque para nós é o nascimento do ocultismo, com Eliphas Levi; da teosofia, com Madame Blavatsky; do espiritismo, com Allan Kardec; da Golden Dawn, com W. W. Westcott, W. R. Woodman e S.L. Mac Gregor Mathers; da O.T.O. e das tradições rosicrucianas em geral.

De certa forma, todos esses segmentos estão relacionados à mesma sociedade iniciática, nas quais o esoterismo pode se fato de exprimir; afinal, todas as citadas são decorrências, em maior ou menor grau da influência, das sociedades maçônicas e paramaçônicas. Em sua dissertação de mestrado, o historiador Duarte caracteriza os primeiros pontos da importância da maçonaria para a constituição da moderna wicca:

Entre seus membros, a maçonaria era comumente chamada de *The Craft* (A Arte). Desde seu início, um dos seus principais símbolos foi o pentagrama, ou estrela de cinco pontas. A fórmula cerimonial adotada para encerramento das reuniões, provavelmente retirada de tradições populares, era aproximadamente "happy have we meet, happy may we part

and happy meet again!" ("felizes nos encontramos, felizes partiremos e felizes nos encontraremos novamente") (DUARTE, 2003, p. 28).

Neste pequeno trecho acima citado se encontram inúmeras características maçônicas que foram englobadas posteriormente no *corpus* da religião wicca; entretanto, nesse momento (início do século XIX) a maçonaria ainda não havia sido relacionada à magia; esta ligação acontece somente a partir da segunda metade do século XIX, após a criação de novas tradições derivadas da maçonaria. A propósito, Favre comenta:

[...] a partir da Revolução a maioria desses sistemas maçônicos desaparece. O RER⁶ mantém-se de qualquer modo na Suíça, o REAA⁷ permanece vivo também; parte da maçonaria "egípcia" igualmente, sobretudo graças aos Ritos de Mênfis e Misraim. Porém, no final do século XIX, após um longo período de latência e sono, assiste-se ao mesmo fenômeno de cem anos antes: a criação e multiplicação de novas sociedades desse gênero. (FAIVRE, 1994, p.86).

É neste processo de criação e multiplicação de novas sociedades que se instaura a *Ordo Templi Orientis* – (O.T.O.) –, da qual participa o ocultista francês Alphonse Louis Constant mais conhecido como Eliphas Levi. E é com Levi que surge não somente a denominação 'ocultismo', derivação da *philosophia occulta*, como também a ligação que faltava com a magia. A principal obra do autor, *Dogma e Ritual da Alta Magia*, de 1855, é até hoje republicada e possuiu na época uma enorme repercussão, ganhando muita popularidade e aceitação na Inglaterra. Esse fato nos é relevante, visto ser este o país de origem da moderna bruxaria wiccana. Duarte nos afirma que é nesta obra que Levi *sintetiza suas vastas leituras de textos mágicos e alquímicos medievais, bem como de filósofos setecentistas, para criar não apenas um arcabouço teórico, mas igualmente um conjunto de práticas para aqueles que quisessem se dedicar à magia, sob o título de "ocultismo"*. (DUARTE, 2003, p. 29). Nesta obra Levi segue a ordem dos 22 arcanos do tarô e expande a simbologia do pentagrama, associando-o ao microcosmo; também o apresentando como símbolo divino, quando virado para cima, e demoníaco, quando usado invertido. Foi também com Levi que se

Introduziu ainda a associação direta dos quatro pontos cardeais com os quatro elementos que compõem o universo (segundo a teoria aristotélica) e a práti-

6 Regime Escocês Rectificado, sistema de maçonaria cristã.

7 Rito Escocês Antigo e Aceito, maçonaria de 33 graus.

ca de traçar-se um pentagrama no ar na direção de cada um dos quatro elementos, para evocar ou banir do círculo mágico os espíritos elementais. É ao longo dessa obra, ainda, que Levi apresentou as diversas ferramentas do mago (espada, cálice, bastão, etc.). (DUARTE, 2003, p. 29).

Estes elementos são notórios para a futura religião que se instauraria, como veremos posteriormente. Juntamente com a O.T.O. tem origem a *Rosacrucian Society in England*, dedicada aos estudos da cabala, do tarô, da alquimia e outras artes mágicas, já sob influência de Levi. A partir desta, surge em 1888 a ordem da *Golden Dawn*, uma neomaçonaria que permite a participação feminina; nesta sociedade, a prática mágica já se evidencia e já sofre influência não somente de Levi, como da teosofia de Madame Blavatsky e suas diversas ramificações. Digna de uma maior atenção, esta tradição, inspirada na cabala, abriu espaço não somente ao tarô, mas também à magia cerimonial. A *Golden Dawn* foi marcada por divergências entre o cristianismo ardente de Waite, membro desde 1891, e o paganismo feroz de Aleister Crowley, que aderiu à tradição em 1898 e nela permaneceu por dois anos.

Essa sociedade logo se desmembrou em pelo menos outras quatro ramificações. O que nos é relevante nesse ponto é a trajetória desse último personagem, Crowley, que em 1904 cria a *Thelema*, sua filosofia mística; em sua obra *Os Livros Sagrados da Thelema*, Crowley formulou

(...) as duas assertivas que se tornariam chavões não apenas dentro de sua própria ordem, mas nos meios ocultistas de uma forma geral: “amor é a lei, amor sob vontade” e “não há lei além do que tu queres”. (DUARTE, 2003, p. 32).

Essas assertivas são igualmente importantes para nossa compreensão da formulação original da wicca. Crowley entrou na O.T.O. antes de ser expulso da Inglaterra e posteriormente da Itália, morrendo em Londres em 1947 no obscurantismo. A Segunda Guerra Mundial desarticulou essas sociedades e modificou seus rumos; mesmo que algumas tenham voltado a se articular posteriormente, a guerra deixou suas marcas enraizadas.

Vale acrescentar que

(...) apesar do envolvimento do ocultismo com a magia, do caráter cerimonial de suas reuniões, essas sociedades secretas às quais aludimos nunca tiveram, nos respectivos pré-guerras, um caráter explicitamente religioso, em especial de religiosidade pagã. Mesmo levando em conta as coloridas alusões a divindades e ritos egípcios, greco-romanos e ou-

tros, as alusões à mitologia cristã e/ou judaica foram sempre mais numerosas e poucos de seus membros negaram abertamente o cristianismo. (DUARTE, 2003, p. 33).

Como Duarte nos explica neste trecho, o foco destas sociedades não era na divindade evocada e sim naquele que a evoca. Isso nos permite compreender que, se muitas características da wicca, principalmente no que se refere ao cerimonial, são advindas destas sociedades, a sua cosmologia pagã advém de outros moldes, apresentados na sequência.

Frazer e o Ramo de Ouro

Antes de adentrarmos no Pós-Guerra e na criação da wicca no século XX, vale acrescentar alguns outros pontos de extrema importância. Foi entre o final do século XIX e início do XX que muitos acadêmicos europeus ocuparam-se do estudo de religiosidades primitivas, o que mudou muito a forma de pensar a este respeito; algumas destas obras produzidas foram contestadas e outras mantiveram sua influência, entretanto ambas obtiveram grande repercussão e recepção nos meios que alcançaram. Foi neste meio que se começou a evocar ideias a deuses e deusas antigos, na Alemanha de 1850,

(...) quando o estudioso da antiguidade clássica Eduard Gerhard sugeriu que “por trás das diversas deusas da Grécia histórica havia uma única grande deusa, representando a Mãe-Terra e venerada antes da história começar”. No entanto, essa teoria só começa a ganhar corpo e receber a atenção do meio acadêmico quando é abraçada pelo eminente arqueólogo britânico, Sir Arthur Evans, ao escavar as ruínas de Cnossos, a partir de 1901. Segundo Evans, a Creta pré-histórica teria adorado uma única divindade feminina. As diversas figuras femininas encontradas no sítio arqueológico seriam representações de diferentes aspectos dessa deusa, bem como as figuras masculinas seriam representações de uma também única divindade masculina, a ela subordinado como filho e consorte. (DUARTE, 2003, p. 42).

Dessa forma, Evans passou a relacionar todas as deusas com uma só deusa e todos os deuses com um só deus, ideia que acabou tornando-se amplamente aceita. Após Evans, Jane Ellen Harrison, em sua obra *Prolegomena to the Study of Greek Religion*, de 1903, cria a noção de uma Deusa Tríplice, isto é, venerada sob três aspectos, e que todos os deuses seriam a ela subordinados, criando também a ideia de que essa deusa-mãe seria a representação da Terra como fornecedora dos dons naturais, ao passo que o

deus-filho seria a representação dos próprios frutos da terra (DUARTE, 2003, p. 42).

Estas concepções foram trabalhadas também por folcloristas e antropólogos como Joseph Campbell, Marija Gimbutas e, é claro, Sir James Frazer, uma importante personagem cuja influência é notória. Frazer foi um antropólogo social, folclorista e mitólogo escocês nascido em Glasgow; estudioso da evolução histórica do pensamento humano através do estudo comparativo do folclore, da mitologia e das religiões, correlaciona à influência da magia e do misticismo à evolução da mente humana. Em sua principal obra, *O Ramo de Ouro* (*The Golden Bough*, 1992) criou a ideia de uma religião baseada na figura feminina e centrada na fertilidade como base de todas as religiões primitivas.

A ideia central de Frazer era de que as antigas religiões eram cultos de fertilidade, baseados no culto de uma deusa da natureza e seu consorte, um rei-sagrado. O matrimônio entre a deusa e o rei-sagrado e o posterior sacrifício e renascimento deste, segundo Frazer, seria um mito central em praticamente todas as religiões. (DUARTE, 2003, p. 43).

É a partir desta obra, portanto, que se evidenciam os primeiros traços destas concepções que passam a ter certa repercussão. Mas as contribuições de Frazer não param aí; o antropólogo, no capítulo 62 de sua obra, nos descreve os “festivais de fogo” nos seguintes termos:

Por toda a Europa os camponeses acostumaram-se, desde tempos imemoriais, a ascender fogueiras em determinados dias do ano, e a dançar à sua volta ou pulá-las.

Costumes desse tipo podem ser traçados em evidências históricas desde a Idade Média, e sua analogia com costumes similares na antiguidade tem fortes evidências internas que provam que sua origem deve ser buscada em um período muito anterior à disseminação da Cristandade. Na verdade, a mais antiga prova de sua observância na Europa Setentrional é fornecida pelas tentativas feitas pelos sínodos cristãos de desqualificá-los como ritos pagãos. (FRAZER, 1992, p. 394).

E ainda, posteriormente, Frazer nos descreve seis destes “festivais de fogo”, que seriam festas enraizadas na cultura popular desde tempos imemoriais; destes, existem aqueles que corresponderiam aos equinócios e solstícios, e os que seguiriam o calendário celta. Representando as metades claras e escuras do ano, temos: *Beltane*, a metade clara, e *Samhain*, a metade escura; os outros quatro festivais representariam, respectivamente, os “Fogos da Páscoa”, *Imbolg*, relacionado à fertilidade das colheitas;

os solstícios de verão e inverno, ligados a trajetória solar; e os “Fogos da Quaresma”, *Lughnassadh* ou *Lammas*, relacionado à garantia do plantio vindouro. O propósito destes rituais seria (...) *promover o crescimento das colheitas e o bem-estar dos homens e dos animais, tanto positivamente pela sua estimulação, quanto negativamente, por evitar os perigos e calamidades que os ameaçavam*. (FRAZER, 1992, p. 414).

É a partir de então que se alude à morte do rei-divino como uma metáfora da sucessão das estações do ano e do ciclo do plantio e da colheita: o rei deve morrer ao demonstrar a perda de suas forças ou ao fim de um determinado período, justamente para garantir (ao “renascer” ou ser substituído) sua função de fecundador da natureza. É também a partir de então que se cria a ideia dos festivais celtas do início do verão e inverno como *ligados à fertilidade dos homens e animais durante a estação quente, e a sua sobrevivência nos tempos de inverno* (DUARTE, 2003, p. 45).

Ainda em relação aos festivais de fogo, a historiadora Luciana de Campos nos explica que, no *Ramo de Ouro*,

Frazer popularizou em descrições minuciosas os antigos cultos pré-cristãos de adoração à natureza, os sacrifícios e as concepções de natureza e religiosidade pagânistas. Sendo um escritor de gabinete, suas descrições utilizavam essencialmente material de terceiros. Sua obra possui uma visão essencialmente evemerista – a magia antiga refletia a ordem natural das coisas, sendo substituída depois pela religião. (CAMPOS, 2007, p. 7).

Mesmo sendo estes fatos afirmados por Frazer sem fundamentação histórica, o professor Hutton afirma inclusive que o propósito de Frazer com esta obra era de desacreditar o cristianismo, mostrando que sua mitologia era decorrente das antigas ideias do paganismo (HUTTON, 1999, p. 141), ela teve uma enorme repercussão. Frazer, portanto, defendeu sua tese de uma religiosidade pagã que, além de difundida por toda a Europa, também foi base e influência na formação de crenças posteriores. O que nos é relevante é que estas ideias do antropólogo foram muito populares, o que redundou, na modernidade, em uma sistematização destes festivais de fogo e desta mitologia em uma nova religião. Uma religião que desde seu nascimento moderno, afirma sua ancestralidade e como veremos posteriormente, foi relacionada à bruxaria.

Invenção de tradições

Até então, já temos estabelecidas muitas características que foram incorporadas pela wicca; faltam, neste contexto, o que permitiu à aos wiccanos estabelecer sua ligação com os povos célticos e com a bruxaria.

A partir do século XVIII passou a existir a possibilidade dos estudiosos da antiguidade entrar em contato, de forma mais facilitada, com obras clássicas, levando-os a um maior interesse em relação ao seu próprio passado. Na Inglaterra, este fato levou certos personagens a retomarem histórias dos antigos celtas, bardos e druidas, povoando o imaginário popular com estas figuras. Duarte nos cita em sua dissertação duas personagens de extremo interesse: o estudioso William Stukeley, autor da obra *História dos Antigos Celtas*, de 1723 - mesmo inconclusa, esta obra defendia a ideia de que *todos os monumentos pré-históricos das ilhas britânicas, especialmente Stonehenge e Avebury, eram obra dos 'druidas britânicos'*. (DUARTE, 2003, p. 22), criando assim uma perspectiva mística acerca destes monumentos arquitetônicos - e o escocês James MacPherson, autor, em 1760, de uma série de poemas épicos inspirados em baladas irlandesa. MacPherson se auto-denominou apenas tradutor destes poemas, que teriam sido encontrados em gaélico e cuja autoria atribuiu a um bardo de nome *Ossian*; independentemente da farsa, sua obra ganhou popularidade e influenciou muitos outros escritores, que se voltaram à sua mitologia nativa.

Conhecido como Iolo Morganwg, este terceiro personagem romantizou a imagem dos bardos galeses, criando a ideia destes como (...) *os herdeiros dos antigos druidas, [que] haviam herdado deles os rituais e os ritos, a religião e a mitologia* (MORGAN, 1997, p. 9). Iolo criou grupos de bardos em todo o país, publicou várias obras e criou, inclusive, orações ainda hoje utilizadas por grupos de neo-druidas.

Essa invenção e romantização do passado folclórico são explicadas por Eric Hobsbawm e Terence Ranger como uma "invenção de tradições". Segundo esses historiadores,

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (...) Contudo, na medida em

que há referência a um passado histórico, as tradições "inventadas" caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. (HOBSBAWN & RANGER, 1984, p. 10).

Dessa forma, temos um contexto de grande interesse pelo passado folclórico na região inglesa, povoando o imaginário popular, chamando a atenção para esses traços do passado e os resgatando e reinterpretando para aquele momento presente. Além dessa romantização inventada, temos nesse contexto inglês a influência das ordens místicas que proliferaram em seu território desde o século XIX e cujos participantes eram em grande maioria pertencentes a uma elite intelectual.

Também é característico da Inglaterra deste período a valorização romântica da cultura da Grécia clássica, que passou a ser um tema recorrente na literatura, influenciando nomes como Lord Byron, Percy Shelley, John Keats e Oscar Wilde, cujo *'O retrato de Dorian Gray'* remete ao hedonismo e liberdade sexual. Essa literatura tornou-se uma contraposição ao conservadorismo e puritanismo da Inglaterra vitoriana: *A tendência não significava uma deliberada opção religiosa pelo paganismo por parte da elite culta inglesa, mas antes era uma forma de exprimir sua desilusão com os valores tradicionais da sociedade*. (DUARTE, 2003, p. 35).

Dessa forma, como o próprio hedonismo, alguns elementos da cultura pagã grega passaram a ganhar espaço e reconhecimento. E foi dessa forma que o deus Pã passou a encarnar em si esse espírito de contraposição ao puritanismo. Esse deus lúbrico e sexual começou a aparecer em uma série de escritos no decorrer deste período, como no hino de Aleister Crowley, traduzido para o português por Fernando Pessoa, segue trecho:

Vibra do cio subtil da luz,
Meu homem e afã
Vem turbulento da noite a flux
De Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além
Vem da Sicília e da Arcádia vem!
Vem como Baco, com fauno e fera
E ninfa e sátiro à tua beira,
Num asno lácteo, do mar sem fim,
A mim, a mim!
Vem com Apolo, nupcial na brisa
(Pegureira e pitonisa),
Vem com Artêmis, leve e estranha,
E a coxa branca, Deus lindo, banha
Ao luar do bosque, em marmóreo monte,

Manhã malhada da àmbrea fonte!
Mergulha o roxo da prece ardente
No ádito rubro, no laço quente,
A alma que aterra em olhos de azul
O ver errar teu capricho exul
No bosque enredo, nos nós que espalma
A árvore viva que é espírito e alma
E corpo e mente - do mar sem fim

(...)

Sou Pã! lô Pã! lô Pã Pã! Pã!
Sou teu, teu homem e teu afã,
Cabra das tuas, ouro, deus, clara
Carne em teu osso, flor na tua vara.
Com patas de aço os rochedos roço
De solstício severo a equinócio.
E raivo, e rasgo, e roussando fremo,
Sempiterno, mundo sem termo,
Homem, homúnculo, ménade, afã,
Na força de Pã.
lô Pã! lô Pã Pã! Pã! ⁸

Não é coincidência ser o século XIX a época em que proliferou a imagem do diabo como um ser metade humano, com pés e chifres de bode; anteriormente, durante toda a idade média, fora representado de formas muito distintas da então adotada e que muito se assemelha ao lúbrico deus. Este fato também terá seu lugar no imaginário wiccano, como será mostrado mais adiante.

O romantismo, além de eleger Pã como divindade favorita entre os literatos ingleses, criou para ele uma consorte feminina, a qual deveria representar as qualidades em voga naquele momento. Buscava-se nesta imagem uma divindade agrupadora, unindo qualidades de várias deusas e ligada à lua e a natureza:

(...) durante a Idade Média e nos primeiros séculos da Idade Moderna, as diversas deusas da mitologia grega ou do Oriente Próximo continuaram a ser lembradas, na arte, mais ou menos da mesma forma que na Antiguidade: como seres individuais e pelas suas propriedades, ou como representação de valores que, na sociedade cristã, poderiam ser levados em consideração. Desta maneira, Vênus-Afrodite, como deusa do amor, assumia a primazia entre os poetas, seguida de Diana-Ártemis como símbolo de castidade feminina, Minerva-Atena como símbolo da sabedoria e Juno-Hera, associada à família, à maternidade e à altivez da realeza. Por volta de 1800, no entanto, pela pena dos poetas românticos, começa a ocorrer uma mudança nesse padrão. (...) passa a ser comum aparecer uma deusa genérica, associada ao luar e a natureza, muitas vezes chamada de “Mãe-Natureza” ou “Mãe Terra”. (DUARTE, 2003, p. 38 -39).

No decorrer do século XIX, essa concepção de uma “Grande Deusa” passa a se firmar através da literatura; mas também recebe, como já visto, o grande impulso dos arqueólogos e antropólogos, que chegam à ideia de uma deusa matriz que teria sido adorada na antiguidade ocidental; essa teoria se tornou corrente no meio acadêmico inglês, mas acabou definhando com o tempo. Com o poeta Robert Graves e sua *Deusa Branca* obra publicada em 1946, a concepção da “Grande Mãe” retorna:

Graves estabelece a ideia de uma divindade feminina que teria sido adorada em toda a antiguidade ocidental, cujo signo poderia se encontrar um nexo comum a todas as diversas religiões que, a partir de então, se desenvolveram. Uma deusa tríplice, com cada uma de suas faces – a donzela, a mãe e a anciã – associada a uma das faces da Lua. Cujas religiões da Grande Mãe, de raízes paleolíticas, teria sido derrotada, com o advento do patriarcalismo, pela religião contrária, a do Deus-Pai, usurpador do trono celeste supremo. (DUARTE, 2003, p. 40).

A partir destas concepções e deste contexto tu-multuado de informações e complexas relações que se ressignificam e se repercutem, temos algumas explicações de como a wicca, em sua origem, busca seu passado na antiguidade, através da imagem consolidada de uma deusa matriz cultuada desde o paleolítico; temos aqui também o princípio que torna a wicca uma crença de resistência, como religião derrotada pelo patriarcalismo e condenada ao obscurantismo; e também sua relação com os povos célticos e sua mitologia, baseadas nesta volta romântica ao passado que ressignifica os druidas, bardos, sua mitologia e seu passado.

Em sua obra *Enciclopédia da Bruxaria*, Doreen Valiente nos revela como foi incorporado esses traços célticos pela bruxaria moderna de forma a repercutir a noção criada por Morganwg dos bardos como descendentes dos Celtas. A autora nos afirma: *Das relíquias sobreviventes que temos da filosofia dos druidas, passada pelos Bardos de Gales e de outras fontes da tradição celta, nós descobrimos que eles tinham uma crença importante em comum com as bruxas, a da reencarnação.* (VALIENTE, 2009, p. 157), Valiente cria ainda a ideia das bruxas como um remanescente do culto druídico pós sua supressão pelo patriarcalismo:

(...) nós de fato sabemos que existiam druidesas e druidas, e que, quando o Druidismo foi suprimido,

8 O “Hino a Pã” é uma tradução do Hymn to Pan, do prefácio do livro “Magick in Theory and Practice”, de Aleister Crowley. Esta tradução foi publicada em outubro de 1931 por Fernando Pessoa.

essas mulheres podem muito bem terem se juntado ao culto da bruxaria. Lewis Spence, em seu livro *The Mysteries Of Britain*, considera a bruxaria como “uma sobrevivência desgastada da religião ibero-céltica.” (VALIENTE, 2009, p. 157).

É dessa maneira que os traços do passado céltico vão lentamente ingressando no imaginário da bruxaria moderna, a exemplo da própria reencarnação, como citada; outra característica céltica incorporada são os festivais de fogo de *Beltane*, *Lughnassadh*, *Samhain* e *Imbolg*, como já nos referimos com Frazer; entretanto, a relação da wicca com a própria bruxaria, a concepção de uma identidade relacionada às bruxas perseguidas pelo regime inquisitorial e a construção da ideia do culto da bruxaria como ligado aos cultos das deusas primordiais, defendidas por Graves como um culto paleolítico, oculto e pagão, e que renasceu após um período de ostracismo, essa ideia foi criada, principalmente, pela Egíptóloga Margaret Murray em sua famosa obra *O culto das Bruxas na Europa Ocidental*.

Margaret Alice Murray

A ideia de que as várias pessoas acusadas de bruxaria seriam na verdade participantes de um culto específico se perpetuou na obra de vários autores, como Jules Michelet, Charles Leland e, é claro, Margaret Alice Murray; entretanto, destes, os dois últimos são os nomes a que devemos nos deter, mesmo sendo o romantismo de Michelet também um doador de traços.

Leland, folclorista, jornalista e escritor norte-americano foi educado em Princeton, onde se formou; depois foi para a Europa e estudou nas Universidades de Heidelberg, Munich e na Sorbonne; participou da Revolução de Paris, da Guerra Civil Americana e da Batalha de Gettysburg. Entre suas principais obras se encontram *Gypsy Sorcery and Fortune Telling*, de 1891; *Etruscan-Roman Remains in Popular Tradition*, de 1892; e *Arádia: o evangelho das bruxas*, (*Aradia, or The Gospel of the Italian Witches*), de 1899.

Leland foi responsável pela repercussão da *stregheria*, ou bruxaria italiana, que, segundo ele, um ávido leitor de Michelet, seria reminiscência da “Antiga Religião”, sufocada pela Igreja Católica na Idade Média, mas repassada de forma oral e se mantendo preservada. Esse autor afirma ter conhecido uma destas bruxas, Maddalena Zinaldi, que teria lhe dado um manuscrito com a doutrina da bruxaria italiana; esse manuscrito estaria na origem do seu evangelho das bruxas. Embora nenhuma evidência ou prova sobre a existência de sua informante jamais existiram, afirmava enfaticamente que no manuscrito estaria a história de Arádia, a primeira bruxa.

Este é o Evangelho das Bruxas:

Diana amava muito o seu irmão Lúcifer, o Deus do Sol e da Lua, o deus da Luz (Esplendor) que, de tão orgulhoso de sua beleza, foi expulso do Paraíso.

Diana tivera uma filha de seu irmão, a quem deram o nome de Arádia (Herodius).

Naquela época havia na terra muitos ricos e muitos pobres. Os ricos escravizavam os pobres. Havia, naqueles dias, muitos escravos, os quais eram cruelmente tratados, tortura em toda parte, prisioneiros em todo castelo.

(...)

Diana disse um dia à sua filha Arádia: é certo que és um espírito

Mas foste gerada para voltar a ser

Um mortal; deves descer à Terra

E ser uma mestra de homens e mulheres

Os quais, de bom grado

Devem estudar bruxaria em tua escola.

(...)

E deves ser a primeira das bruxas conhecidas;

E deves ser a primeira de todas no mundo;

E deves ensinar a arte do envenenamento;

Daquelles que são os maiores dentre os senhores;

Sim, deves fazer com que morram em seus palácios;

E deves sujeitar a alma do opressor (pela força).

(LELAND, 2000, p. 31-33).

Essa história muito tinha a agradar a Leland e, antes dele, a Michelet; afinal, como Duarte nos explica, eles eram “*ambos radicais em política e progressistas: um culto imemorial da bruxaria, que pregava a revolta contra a opressão dos senhores e era abertamente anticlerical, além de pregar a libertação feminina*” (DUARTE, 2003, p. 49), era um enredo irresistível às suas ideias; ideias que, de fato, muito repercutiram. No evangelho ainda constam reuniões em volta de fogueira – *sabats* –, uma rica mitologia e uma vasta referência a feitiços, sortilégios e conjurações. Doreen Valiente, inclusive, afirma: *Leland não apenas estudava magia e bruxaria; ele as praticava. Suas cartas e outros trabalhos escritos estão cheios de referências a feitiços bem sucedidos que ele realizava.* (VALIENTE, 2009, p. 275). Mas Valiente afirma ainda que Leland não foi o primeiro

a perceber que o culto a Diana era uma reminiscência de um antigo culto:

Leland não foi [...] o primeiro a perceber que a bruxaria na Itália era o que havia sobrevivido do antigo culto da deusa da lua Diana. Em 1749, Girolamo Tartarotti tinha publicado um livro, *A Study of the mid-nighth Sabbats of Witches*, no qual afirmava que “a identidade do culto diânico com a bruxaria moderna está demonstrada e comprovada”, mas seu livro não causou grande impacto. O crédito de ter sido o primeiro a levantar o estudo da bruxaria à parte das fantasias dos vãos em cabos de vassouras e de relações com os demônios, e de ter comparado a Religião e a Antropologia, pertence a Charles Godfrey Leland. (VALIENTE, 2009, p. 275).

Alguns anos após as obras de Leland, e com certeza sob a sua influência, surgem os primeiros livros de Margareth A. Murray. Murray nasceu em Calcutá, em 1863; possuiu formação em linguística e antropologia. Seu principal interesse era a egiptologia (era especialista em hieróglifos); devido a isso, participou de inúmeras escavações na Palestina e no Egito na década de 1890 e acabou por juntar-se à equipe da University College of London, palestrando por todo o país. Além de sua formação acadêmica, Murray foi uma ardente feminista, fato que influenciou suas obras, especialmente as relacionadas à bruxaria, seu estudo paralelo. Dentre suas atividades, Murray ainda foi membro do Instituto Britânico Real Antropológico e presidente da Sociedade Britânica de Folclore, morrendo em 1963.

Sua obra *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* (*The With-Cult in Western Europe*) foi publicado em 1921; nele, a autora protestou que a perseguição às bruxas na Europa foi um ataque do governo patriarcal antigo contra religiões centradas em mulheres; a obra ainda apresenta a bruxaria como um culto de fertilidade que datava do neolítico e como sendo a religião primitiva da Grã-Bretanha. Com essa obra, Murray deixou uma importante contribuição ao paganismo e à bruxaria moderna. Doreen Valiente conheceu Murray pessoalmente e sobre ela escreveu:

(...) era uma estudiosa perspicaz e crítica, e de forma alguma crédula. Sua principal carreira foi na Egiptologia, e seu interesse na bruxaria era na verdade um estudo paralelo, embora curiosamente o suficiente, foi por esse segundo estudo que ela tornou-se muito mais conhecida.

(...) Em sua autobiografia, a Srta. Murray conta-nos infelizmente muito pouco sobre suas pesquisas sobre bruxaria, exceto quando revela a ideia da bruxaria ser de fato uma religião secreta que foi sugerido a ela por outra pessoa. (VALIENTE, 2009, p.321).

Essa ‘outra pessoa’ referida foi Leland, que já havia promovido a ideia da bruxaria como Antiga Religião, chamando-a de Culto Diânico. Além de Leland, Murray foi muito influenciada por Frazer, e acaba por sintetizar a concepção da bruxaria como um rito de fertilidade primitivo datado da pré-história, e cuja base estaria em um deus de chifres.

(...) ela não seria uma religião centrada numa Grande-Mãe, ao contrário do postulado por Frazer, mas sim baseada no culto a um deus de chifres – Dianus – em cuja figura a Igreja teria baseado a imagem do diabo. Este seria representado pelos adeptos por um Rei-Divino, que se sacrificaria periodicamente. Com a perseguição movida pelo cristianismo, o culto teria se tornado secreto, sendo mantido na obscuridade por seus praticantes durante toda a Idade Média, até ser exposto e combatido pela inquisição (...). (DUARTE, 2003, p. 51).

Nas palavras da própria autora, podemos identificar um dos momentos em que esta visão de continuidade de uma crença primitiva fica evidente, e para tal não é necessário avançar muito em sua obra:

Bruxaria Cerimonial – ou, como eu sugiro, o Culto Diânico⁹, que acolhe as crenças religiosas e os rituais das pessoas conhecidas na época medieval como “Bruxas”. As evidências mostram que abaixo da religião cristã havia um culto praticado por muitas classes da comunidade, principalmente pelos mais ignorantes ou aqueles das partes menos populosas do país, que pode ser considerado uma antiga religião Europa Ocidental na época pré-cristã. (MURRAY, 2003, p. 17).

Essa visão, além de criar na wicca a ideia de sua origem primitiva, cria uma relação identitária com a feitiçaria e a bruxaria; e, inclusive, com as bruxas mortas durante a inquisição. Dessa forma, no “renascer” desta “antiga religião”, a palavra bruxa foi adotada por seus membros, característica que permanece até a atualidade; e isso independentemente da inverossimilhança das obras de Murray, que se baseou em relatos inquisitoriais, boa parte obtidos sob tortura, para provar sua tese. Em grande parte foi também a autora que construiu a ideia de uma religião incompreendida e julgada: *Os outros ritos, os banquetes e as festas mostravam que se tratava de uma religião alegre e incompreendida pelos inquisidores e reformistas melancólicos que a reprimiam.* (MURRAY, 2003, p. 19) Segundo Luciana de Campos, Murray:

(...) defendia, em síntese, a sobrevivência de antigos

9 Referência à deusa Diana, o aspecto feminino de Dianus, que seria a líder das bruxas.

cultos pré-históricos de adoração ao deus chifrudo e à grande deusa em plena Idade Média (...). Esses cultos, que Murray denomina de antiga religião da Grã-bretanha pré-cristã poderiam, em suas palavras, ser também a religião dos Druidas, os sacerdotes dos Celtas. Murray não realizou uma crítica heurística da sua documentação – basicamente relatos inquisitoriais – confrontados com dados etnológicos advindos de James Frazer e de certa influência do romantismo de Jules Michelet – confundindo as ideias eruditas com as práticas sociais do período medieval. (CAMPOS, 2007, p.7).

Desta forma, a obra *O culto das bruxas na Europa Ocidental* tem importância crucial para a análise da wicca. Nas palavras de Carlo Ginzburg, as obras de Murray possuem seu valor documental, entretanto documentam mitos e não ritos, e a tradição Diânica, o culto de fertilidade descrito pela autora, sugere uma interpretação mais complexa. Afirma Ginzburg:

Em seu livro *The witch Cult in western Europe*, Murray, egiptóloga e estudiosa de antropologia na linha de Frazer, afirma: 1) que as descrições do sabá contidas nos processos de bruxas não eram mentiras extorquidas pelos juízes nem narrativas de experiências interiores com caráter mais ou menos alucinatório, mas sim descrições precisas de ritos de fato ocorridos; 2) que tais ritos, deformados pelos juízes para um sentido diabólico, estavam, na realidade conectados a um culto pré-cristão de fertilidade, o qual talvez remontasse a pré-história, tendo sobrevivido na Europa até a Idade Moderna. Embora vários resenhadores logo lhe criticassem duramente a falta de rigor e a inverossimilhança, *The witch Cult* também obteve amplo consenso. (GINZBURG, 2012, p. 21).

Ginzburg acrescenta ainda que, em vez tentar distinguir os estratos mais antigos das sobreposições sucessivas, Murray assumiu acriticamente o estereótipo já consolidado do sabá, como base para a sua própria interpretação, tornando-a de todo inaceitável. (GINZBURG, 2012, p. 22). E dessa forma, a autora construiu uma concepção e uma ideia que possuiu enorme recepção para além dos círculos eruditos; e esta obra tornou-se uma importante referência na construção de uma identidade wiccana, assim como a posterior obra da autora *O Deus das Feiticeiras* (*The God of Witches*, 1933). Valiente nos explica:

Ela (Murray) começou a investigar o assunto por conta própria, trabalhando a partir de registros contemporâneos das bruxas e da bruxaria, quando ela percebeu que o chamado “Demônio” que aparecia nos Sábás das bruxas era na verdade um homem vestido com um disfarce ritual, ela nos conta que sentiu-se “surpresa, quase alarmada” pela forma na qual os detalhes registrados que ela estava lendo se encaixavam e começavam a fazer sentido. Mais tarde, em 1933, ela publicou um segundo li-

vro sobre bruxaria, *The God of Witches*. O livro foi quase ignorado quando apareceu pela primeira vez, mas, depois da Segunda Guerra Mundial, quando o interesse na bruxaria foi re-despertado, o livro foi publicado novamente e tornou-se um *best-seller*. (VALIENTE, 2009, p.321).

Dessa forma, o deus das feiticeiras apregoadado pela autora deixou de ser o “demônio” cristão e tornou-se o Rei-Divino, que se sacrificava periodicamente para garantir a fertilidade, assim como já havia sido afirmado por Frazer. Em relação a essa afirmação, o último livro da autora, *The Divine King in England*, de 1954, afirmava que muitos soberanos ingleses haviam morrido devido ao assassinato ritual, ligados ao sacrifício humano ao Rei-Sagrado, exigido pela ‘Antiga Religião’. Essa ideia tornou-se muito popular, e não é novidade para aqueles que já leram *As Brumas de Avalon*, de Marion Z. Bradley, igualmente feminista e responsável, através de seus romances, de repercutir estas ideias, como veremos posteriormente.

Como afirma Duarte, essas obras foram essenciais para dar uma suposta corroboração acadêmica (...) que a “antiga religião” da Europa pagã, conforme defendida por Frazer e outros, teria sobrevivido de forma sub-reptícia através daquelas pessoas chamadas de bruxos e bruxas. (DUARTE, 2003, p. 53).

Dessa forma, a primeira metade do século XX acaba por realizar uma reinvenção da figura da bruxa, que deixa de ser a da causadora de malefícios ligada à figura do demônio, e passa a ser a de guardiãs de um antigo culto pagão e vítimas de intolerância cristã. Todas essas influências e tendências confluem em uma pessoa, Gerald Gardner, responsável por uma sistematização que acaba por se tornar, na segunda metade do século XX, uma nova religião de bruxaria pagã e centrada na magia: a wicca.

O século XX e Gerald Gardner

O século XX foi marcado pela sequência das duas guerras mundiais e pela grande depressão a partir de 1929; este panorama acabou por alterar muitos dos traços mencionados anteriormente, principalmente no que diz respeito às sociedades iniciáticas e tradições esotéricas:

Uma boa parte das efervescentes sociedades secretas e ordens iniciáticas em torno das quais gravitavam os movimentos neopagãos e seus principais mentores foi dissolvida nesse período, sendo que algumas tornaram a organizar-se – e geralmente em

outras bases – apenas a partir da década de 1970. Esse foi o caso da Golden Dawn e de algumas derivações dos Rosacruceanos. (DUARTE, 2003, p. 55).

Esse fato se deu, principalmente, porque durante o nazismo organizações de cunho místico foram banidas, ao contrário do que muitas conspirações afirmariam a partir de 1960. A perseguição levou estas organizações a se dissiparem e, como mencionado acima, somente algumas poucas tornaram a se organizarem muito tempo depois, na época de retorno às tendências místicas no pós-guerras, impulsionado principalmente pela publicação da obra *O despertar dos mágicos*, de 1959, e pela revista *Planète*, ambos da dupla Bergier e Louis Pauwels, na França.

Estas obras mesclavam um ‘realismo fantástico’ com teosofia, ufologia, misticismo, magia, alquimia e sociedades secretas, e passou a ser o referencial de “oculto” do público da época. Vale acrescentar que, em paralelo a esse processo de retorno ao esotérico e reorganização das sociedades secretas, outro processo já se iniciava e começava a tomar forma nas ilhas Britânicas, obra principalmente de uma pessoa.

Gerald Brosseau Gardner, de descendência escocesa, nasceu em Blundellsands, próximo a Liverpool, Inglaterra, em 13 de junho de 1884. (VALIENTE, 2009, p. 209). Gardner foi o criador, ou minimamente o sistematizador, da wicca, e o fez principalmente através da publicação de suas obras: *Witchcraft Today* (1954) e *The Meaning of Witchcraft* (1959). Essas obras são repletas de controvérsias, assim como as informações acerca de sua vida pessoal e de seu papel na bruxaria. As principais informações e fontes acerca de Gardner são escritas por personagens envolvidos com os primeiros anos da bruxaria neopagã e seguidores deste, como Dorren Valiente, Patricia Crowther e Philip Heselton, este último, um geógrafo e pesquisador da vida de Gardner, muito elogiado por seus métodos acadêmicos, embora a obra de Heselton [...] parece contaminada pela necessidade de comprovar aquilo em que ele mesmo acredita como praticante da wicca. (DUARTE, 2003, p. 58). Outra fonte de informações a respeito de Gardner é a obra *Gerald Gardner: witch*, de 1960, igualmente controversa. Essa obra foi inicialmente creditada a Jack Bracelin e posteriormente a um escritor indiano de nome Shah, e alguns ainda se referem a esta como uma autobiografia, na qual os autores citados seriam apenas os seus redatores.

É, portanto, a partir de tais complexas fontes que sabemos que Gardner era filho de família abas-

tada, mas sofria desde a infância de asma, o que o levou a realizar diversas viagens pelo mediterrâneo, Ilhas Canárias e Madeira, sendo conselho dos médicos da família seu afastamento do clima da Inglaterra. Suas constantes viagens e gosto pela leitura fizeram com que Gardner investisse no estudo da arqueologia e da antropologia, tornando-se um escritor, antropólogo e arqueólogo amador. Seu gosto pela leitura também fez com que este despertasse o interesse por doutrinas espirituais, principalmente as reencarnacionistas, influenciado por várias correntes de expressões religiosas, espiritualistas e de pensamento como os de Florence Marryat, em alta no século XIX.

Gardner vivia com sua ama-seca, e quando esta se casou com um plantador de chá, estes se mudaram para o Ceilão, onde Gardner manteve contato com a população local e buscou conhecer as crenças e costumes nativos; foi no Ceilão também que obteve os primeiros contatos com a maçonaria. Em Bornéio, onde viveu alguns anos depois, aproximou-se do povo Dyak, novamente estudando costumes e crenças, principalmente as relacionadas à magia, à reencarnação e à utilização de armas rituais, outra de suas paixões, já que colecionava armas brancas.

Dessa forma, Gardner estava sempre viajando; como Valiente comenta:

[...] Gerald acreditava ser descendente de Grissell Gairdner, que foi queimado como um bruxo em Newburgh, em 1610. Toda a sua vida foi motivada por sua longa residência no Oriente, onde ele trabalhou como um lavrador de chá e de borracha e como um oficial da alfândega em Malaya, até a sua aposentadoria em 1936. (VALIENTE, 2009, p. 209).

Durante suas licenças na Inglaterra, Gerald interessava-se, como dito acima, pela arqueologia Malaya; seu *hobbie* de arqueólogo e antropólogo levou-o a conhecer cavernas e escavações na Palestina, viajando também pela Grécia, Turquia e Alemanha, até sua aposentadoria aos 52 anos. Valiente nos acrescenta que o livro de Gardner a respeito dos Malayos, *Keris and other Malay Weapons*, rendeu-lhe um reconhecimento acadêmico e amizade com muitos autores dos campos da arqueologia, da antropologia e do folclore, como Margaret Murray. (VALIENTE, 2009, p. 210).

Após a aposentadoria, em sua estadia em New Forest de Hampshire, durante o período da Segunda Guerra Mundial, Gardner obteve pela primeira vez contato com o ‘culto das bruxas da Grã-Bretanha’, adepto nesta mesma época do naturismo.

Gardner passou a frequentar o clube nudista de New Forest, onde provavelmente conheceu alguns dos membros de uma ordem rosacruziana, a *Rosicrucian Order Crotona Fellowship*. Esta ordem foi fundada em 1911 pelo aventureiro inglês George Alexander Sullivan, desmantelada durante a Primeira Guerra Mundial e reorganizada por Sullivan em 1920. (DUARTE, 2003, p. 62).

Em seu depoimento a respeito do caso, Valiente comenta que:

Alguns de seus vizinhos da região de New Forest eram membros de uma fraternidade oculta que se denominava de *Crotona Fellowship* (Sociedade de Crotona) e afirmavam ser Rosa-Cruzes. G.B.G. não se deixou iludir pelas possibilidades dessas afirmações, ou pela personalidade até certo ponto exibicionista de seu líder, um homem chamado “Irmão Aurelius”. Entretanto a sociedade tinha construído um Teatro comunitário bastante agradável, que tinha o nome de “O primeiro Teatro Rosa-Cruz da Inglaterra”, e naqueles dias sombrios de guerra quase qualquer distração era bem vinda. G.B.G. ajudou a montar peças amadoras com uma temática oculta e espiritual. (VALIENTE, 2009, p. 210).

Valiente sustenta a tese de que, por baixo desta sociedade “supostamente Rosa-Cruz”, através da Sra. Besant estava um culto antigo de bruxas mantido em segredo. Foi este culto que Gardner descobriu, embora nada pudesse revelar devido às leis contra a bruxaria que vogavam na Inglaterra. ‘Eles conseguiram entrar em contato com algumas pessoas de New Forest que eram as últimas sobreviventes de um coven de bruxas de tempos passados. Esse era o segredo deles, escondido por trás da fachada da Sociedade de Crotona, sendo que os demais membros não sabiam nada a respeito.’ (VALIENTE, 2009, p. 211). E sobre o sigilo de Gardner, ela acrescenta:

Naquela época, no início da Segunda Guerra Mundial, a bruxaria na Grã-Bretanha ainda era ilegal. O último dos Atos de Bruxaria na Grã-Bretanha não foi revogado até 1951. Conseqüentemente, o prazer, a alegria e os enigmas de GBG em sua descoberta de que o Antigo Trabalho dos Sábios ainda estava vivo tiveram de ser abrandados com extremo cuidado. (VALIENTE, 2009, p. 211).

Independente destas informações controversas, sabemos que Gardner participou das reuniões da sociedade até 1940. Foi nesta época que seu interesse pela bruxaria floresceu, não no sentido de crença primitiva, mas na acepção ocidental da palavra. Também foi nesta época que aconteceram os primeiros contatos de Gardner com Murray, sendo que dois meses depois destes encontros e de ser admitido na *Folk-Lore Society*, ocorreu a publicação

de seu primeiro artigo contendo diversas relíquias de bruxas.

Logo após a publicação do artigo, Gardner lançou o romance *Goddness Arrives*, com alusões a magia, rituais e culto a divindades femininas. Em 1947 Gardner conhece a figura lendária de Aleister Crowley, um ‘mago real’. Ambos travaram a partir de então íntimo contato, sendo a partir deste a integração de Gardner na já mencionada *Ordo Templis Orientis*:

Gerald Gardner conheceu Aleister Crowley quando este último estava morando em Hastings, um ano antes de Crowley morrer. Ele foi levado por um amigo para ver Crowley, e o visitou diversas ocasiões depois disso, até a morte de Crowley, em 1947. Crowley gostou de G.B.G., como um aluno e companheiro de magia, e fez dele um sócio honorário da ordem mágica de Crowley, a *Ordo Templis Orientis*. G.B.G. admirava Crowley como um poeta, e gostava de usar citações dos trabalhos de Crowley em seus ritos. (VALIENTE, 2009, p. 214).

Como Duarte nos explica, Crowley pode ter visto em Gardner a pessoa que poderia revitalizar sua ordem, já naquele momento decadente, visto que Gardner possuía recursos financeiros e o entusiasmo necessário. Dessa forma conferiu a G.B.G. um elevado grau na *O.T.O.*, também confiando a este a liderança de uma célula da ordem. Com a morte de Crowley, e devido à posição de Gardner, este acabaria por tornar-se o líder da ordem na Europa. Entretanto Gerald não possuía o conhecimento e a familiaridade com a ordem, necessários para guiá-la, e logo esta se estabeleceu sob o nome de Kenneth Grant na Inglaterra e Karl Germer na América.

Mesmo perdendo seu posto, o próximo romance de Gardner foi assinado com seu pseudônimo da *O.T.O.* – *Scire* – conferido a ele por Crowley e cujo significado seria “saber”. Este romance foi denominado de *High Magic’s Aid* e Valiente o retrata como sendo a obra em que Gardner, após a morte da grande sacerdotisa do culto de bruxas que encontrou sob a Sociedade de Crotona, revela os segredos do que ele próprio descobriu:

[...] depois da morte da grande sacerdotisa, G.B.G. revelou seu conhecimento sobre o Tratado dos Sábios, e o fez somente na forma de um romance histórico. Esse livro *High Magic’s Aid* foi publicado por Michael Houghton, Londres, 1949; além de ser uma boa história, continha uma riqueza de informações sobre o que de fato eram a magia e a bruxaria e como elas trabalhavam. (VALIENTE, 2009, p. 211).

Desta forma, no início dos anos 50, Gardner já estava profundamente não apenas com a teoria mas

também com a prática daquilo que viria a tornar-se a moderna bruxaria neopagã. (DUARTE, 2003, p. 66). Desta época são as primeiras versões de seu *Livro das Sombras*, com descrições de cerimônias e com registro de rituais de iniciação. Neste período muda-se para a Ilha de Man, onde se tornou o diretor do Museu de Bruxaria em 1954, quando realizou sua autoafirmação como bruxo, o que lhe rendeu um relacionamento conturbado com a imprensa. Foi então que, com 70 anos, Gardner lança a obra já mencionada que torna-se o pilar para a criação da wicca, *Witchcraft Today*, na qual todas as ideias, concepções e crenças acerca da bruxaria como culto imemorial e sobrevivente aparecem sintetizadas. Nesta obra Gardner afirma que muitos dos segredos que revela lhes foram passados por bruxas. O prefácio da vem assinado pela já conhecida egiptóloga Margaret Alice Murray.

Em resposta às críticas de sua obra, Gardner lança o livro *The Meaning of Witchcraft*, em 1959, mais extenso e no qual reafirma suas convicções. Em 1964 Gardner padece de um ataque cardíaco fatal durante uma de suas viagens, deixando para trás a herança que auxiliou a construir e uma moderna religião que estava apenas começando.

Uma religião paleolítica

Sob esse emaranhado de informações, com influências complexas, difusas, conturbadas e controversas, com influência das sociedades iniciáticas e de diversas manifestações espiritualistas fundidas, sob um arsenal de leituras antropológicas e arqueológicas e um verdadeiro mosaico de releituras, nasce com o nome de *bruxaria* uma nova religião. Nessas circunstâncias, a emergência da religião aparecia não como algo novo que nascia, mas um saber muito antigo que era revivido.

A palavra “wica” aparece pela primeira vez na obra *Witchcraft Today*. Referindo-se às bruxas, Gardner afirma:

São pessoas que chamam a si mesmas Wica, as ‘pessoas sábias’, que praticam ritos antigos e que, junto com muita superstição e conhecimento herbal, preservam um ensinamento oculto e processos de trabalho que elas próprias pensam ser magia ou bruxaria. (GARDNER, 2003, p. 102)

Como Duarte explica,

A grafia com um único “c” pode se dever, inicialmente, apenas ao fato de Gardner ter reconhecido problemas de ortografia. Talvez ele quisesse se utilizar de uma palavra em inglês arcaico (como era comum em seus escritos) e, de fato, a palavra *Wicca*, em inglês arcaico, é simplesmente o masculino de *wicce*, significando, respectivamente, “bruxo” e “bruxa”. Destes vocábulos, inclusive, é que se originou a palavra inglesa atual *witch*. (DUARTE, 2003, p. 69).

Foi na obra *The Meaning of Witchcraft*, em seu último capítulo, que Gardner começa a se utilizar dos termos *Wicca* e *Arte da Wicca*, referindo-se ao culto das bruxas; entretanto, a pronúncia permaneceu como a inicialmente proposta, como “wika”, criando ainda a ideia equivocada da ligação do termo *wicca* com “wise”, que significa sábio, sendo desta forma ligada à “sabedoria antiga”, estendendo-se a “*the craft of the wise*,” ou seja, “a arte dos sábios” ou, como denomina Valiente, “Trabalho dos Sábios”. Desta forma, atribui-se a origem da wicca à primeira publicação da obra *Witchcraft Today*, em 1954.

A respeito da reinvenção da bruxaria como religião, Carlos Nogueira, em sua obra *Bruxaria e História*, após uma intensa reflexão acerca das sociedades iniciáticas e da aceitação da bruxaria como culto esotérico pelo ocultismo, afirma:

Um dos discípulos de Crowley, Gerald Gardner, é o responsável pela reinvenção da bruxaria. Membro da Aurora Dourada e de outras seitas secretas, escreve o seu próprio manual de bruxaria, durante a Segunda Guerra Mundial, baseado no material da seita de Crowley. Popularizando os rituais herméticos, Gardner tornou a bruxaria uma seita, não de iniciados, mas um simples ritual acessível a todas as pessoas, inventando uma nova religião, baseada no espiritualismo, magia cerimonial e “antigos cultos” que continuam a existir em uma série de variações. (NOGUEIRA, 2004, p. 85).

Essa religião agora acessível a todos, mesmo sendo uma reinvenção da bruxaria, não era vista como uma novidade; e o fato da wicca não ser considerada algo novo fez com que muitos buscassem encontrar suas origens em tempos antigos, como no paleolítico e neolítico; afinal, como a wicca foi apenas o ‘retorno e sistematização de um culto antigo que sobreviveu’, apenas seu retorno pode ser considerado moderno e Gerald Gardner apenas a pessoa que o tornou público.

Vemos essa busca de origens por um passado cada vez mais distante ser extremamente comum na wicca, assim como já o era na maçonaria, uma das vertentes doadoras de traços; e é possível compreender esta busca, já que o que está sendo buscado é, de certa forma, a origem da ‘magia’ e

da 'bruxaria'¹⁰, o que explica o retorno ao paleolítico e para as primeiras expressões mágicas e xamanísticas do homem 'primitivo'; explica também o porquê da wicca ser considerada por muitos adeptos uma religião de base xamânica.

Trazendo esta discussão para a atualidade brasileira, uma das obras em que podemos perceber isto é a *Apostila de wicca para Brasileiros*, na qual vemos um destes trechos em que se busca na pré-história a origem dessa religião; no mesmo trecho podemos perceber a sua característica de resistência, afirmando a wicca como muito mais antiga que o cristianismo:

Falar em origem da bruxaria é o mesmo que retornar aos primórdios da Humanidade, quando os seres humanos começaram a despertar sua percepção para os mistérios da vida e da natureza. Segundo os estudiosos da Pré-História, a primeira demonstração de arte devocional foram as MADONAS NEGRAS, encontradas em cavernas do período Neolítico. Portanto, as Deusas da Fertilidade foram os primeiros objetos de adoração dos povos primitivos. Da mesma forma que nossos antepassados se maravilharam ao ver a mulher dando à luz uma criança, todo o Universo deveria ter sido criado por uma GRANDE MÃE. Entre os povos que dependiam da caça, surgiu o culto ao Deus dos Animais e da Fertilidade, também conhecido como Deus de Chifres ou Cornífero. Os chifres sempre representaram a fertilidade, coragem e todos os atributos positivos da energia masculina, representando também a ligação com as energias cósmicas. Hoje a figura do Deus Cornífero é bastante problemática, pois, com o advento do Cristianismo, ele foi usado para personificar a figura do Diabo, entidade criada pelas religiões judaico-cristãs. Ele não é reconhecido e muito menos cultuado pelas Bruxas. O Diabo é venerado apenas pelo Satanismo, que é um culto Anti-Cristão. Como a nossa religião já existia muitos milhares de anos antes do Cristianismo, não temos nada a ver com o Diabo e os Satanistas. (ELGEL, 2011, p. 3).

Através deste trecho, percebemos uma construção explicativa para o que se vive modernamente na wicca, a adoração ao casal divino, a uma Grande Mãe e um Deus da Fertilidade. De forma quase mitológica, a autora busca no paleolítico tanto a existência deste casal divino, como dá a entender que desde o nascimento deste culto na pré-história, ele permaneceu historicamente; durante a inquisição foi erroneamente "confundido" com o Diabo cristão, o que gerou a perseguição

às bruxas, participantes de tal culto. Além disso, ela constrói uma identidade wiccana a partir desta construção – mito de origem – criando entre povos primitivos, a bruxas perseguidas e os participantes modernos uma linha sucessória, ou de continuidade. É perceptível como, pelo trecho, buscam se desvencilhar ou desconstruir a ligação medieval da bruxa com o diabo, desvencilhando assim, essa religião 'paleolítica' das influências do cristianismo.

A obra acima citada – *Apostila de wicca para Brasileiros* – foi escrita na atualidade, e faz parte de um curso de formação realizado em São Paulo; através dela podemos perceber como todos os movimentos e traços anteriormente mencionados puderam mesclar-se na concepção da autora, partilhada por muitos membros que acreditam ser a wicca, de fato, uma religião da antiguidade pré-cristã.

Através de sua ligação com a bruxaria e da bruxaria como culto antigo de sábios, a wicca foi representada, desde a sua criação, como uma religião extremamente antiga, nascida na pré-história, perseguida durante a inquisição; uma religião que permaneceu oculta sob o véu da história e que retornou na modernidade com todas as suas características, inclusive as de resistência, buscando provar que a bruxaria foi sempre um culto mal interpretado de fertilidade e adoração da natureza.

Mesmo sendo vista desta forma por muitos adeptos, é importante entender que mesmo possuindo elementos tradicionais que faziam parte de crenças e práticas religiosas de povos pagãos europeus, a wicca é uma nova religião, criada por Gardner e seus seguidores imediatos no início da década de 1950. E, como tal, é uma religião moderna, que só pode existir no contexto em que a criou. E, como analisamos no decorrer deste texto, foi construída não por elementos da pré-história, e sim através da influência das sociedades ocultistas e iniciáticas do século XIX; de obras antropológicas do final deste século e início do século XX; e das concepções de Gerald Gardner, que criou esta crença ao pensar revivê-la na prática. Além disso, até chegar ao Brasil, a wicca passou ainda por muitas mutações. Essas mudanças caracterizam o modo ela é vivida e praticada hoje em território nacional.

10 O termo bruxa é criado no período inquisitorial, seria anacrônico nos utilizarmos dele para referir-nos a períodos anteriores à inquisição, entretanto, como os wiccanos acreditam que o 'culto de bruxaria' é paleolítico, estes buscam uma origem para o que compreendem como bruxaria em períodos muito anteriores ao da inquisição.

Outras influências da “arte”

Em seu contexto de criação, a wicca era vivida e praticada por Gardner e seus seguidores imediatos de certa maneira, das quais muitas permanecem até hoje, fazendo parte do arcabouço da religião; entretanto, nos dias de hoje, ela é vivida de forma muito mais ampla, afinal, com o tempo a religião incorporou outros traços culturais à sua realidade, e foi sendo ressignificada e transformada; nos dias atuais, ela possui um arcabouço de crenças e práticas muito maior, e cujas influências se estendem muito mais do que nos primeiros anos de sua invenção.

Isso se dá de muitas formas. Entretanto, ao sair das fronteiras britânicas, alguns movimentos possuíam extrema significação e modificaram alguns dos “tradicionais” conceitos wiccanos, ou, ao menos, passaram a fazer parte deles. Entre esses movimentos se encontram o movimento feminista, o que não surpreende, visto que Murray já era uma feminista e um culto com base em uma divindade feminina seria, no mínimo, muito interessante para tal movimento.

Outros movimentos que deixaram sua marca na wicca foram o movimento hippie e o New Age, o ambientalismo, o naturalismo, a expansão da cultura de massas e, nos últimos anos, a sua maciça divulgação pela internet. Claudiney Prieto, em seu *Wicca para todos*, nos dá um histórico desse processo:

A partir do seu surgimento em 1951, a Wicca adquiriu novas expectativas e passou por significativas transformações, sendo abraçada pelos movimentos feminista e ambiental, ganhando uma nova cara, muito mais matrifocal e orientada para a Deusa do que no início de sua história, relegando ao Deus uma posição secundária. (...) Junto com o crescimento e divulgação da Wicca em meados dos anos 80 vieram na “rabeira” vários outros movimentos Pagãos. Druidismo, Kemetismo, Helenismo, Asatrú e outros incontáveis movimentos Neopagãos mundiais (...) (PRIETO, 2009, p. 12-13).

Dessa forma, a partir da wicca se originaram inúmeras tradições e variações de neopaganismo, sendo hoje incontáveis as suas manifestações. A partir dos comentários de Prieto, percebemos a guinada de popularidade que a wicca recebe a partir dos anos 60; e, como este mesmo praticante e escritor comenta, é nesta época que a wicca é incorporada pelo movimento feminista.

A tradição denominada diânica ou dianismo, de 1970, influenciada por Zsuzsana Budapest, é uma das vertentes que presta culto essencialmente às deusas e à face da Grande Mãe em superioridade ao

deus chifrudo, radicalizando [assim] a utopia esotérica do matriarcado. (CAMPOS, 2007, p. 13-14). Com a radicalização do movimento feminista, a wicca ganha espaço, juntamente com a contracultura, o rock e a cultura pop. Luciana de Campos afirma:

Em 1971, foi criado na Califórnia o primeiro grupo de wicca diânica, que logo foi influenciado pelas teorias da arqueóloga norte americana Marija Gimbutas, unindo ainda algumas ideias dos movimentos feministas radicais. Gimbutas acreditava em um antigo culto a uma divindade feminina central, denominada de deusa ou grande mãe, comum a vários povos do passado. Apesar dela não defender diretamente a imagem do matriarcado, tanto as paganistas quanto as feministas passaram a usar a obra como referência para a crença na ginecocracia (o poder da mulher em uma sociedade), que, desta maneira, passou também a ser a grande utopia do wiccanismo norte-americano, mas que nunca foi comprovada pela historiografia ou arqueologia para qualquer comunidade histórica. (CAMPOS, 2007, p. 14-15).

Nesse contexto, em 1982 surge a renomada obra de Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*, que se tornou extremamente popular e um meio literário de divulgação da wicca. Em seu prefácio, a autora estabelece suas principais influências: de um lado, a obra de James Frazer, George Ashe, livros sobre druidas, religiões celtas e wicca gardneriana; de outro, informações sobre cerimônias ocultistas através de grupos neopaganistas da região da Califórnia, onde residia. (CAMPOS, 2007, p. 16). A série de livros criando uma fusão entre mitos arturianos com uma tradição literária medieval, tudo permeado pelo viés feminista. A obra se tornou marco na história da wicca.

Após esta obra, muitas outras passaram a ser produzidas e acabaram por tornar-se meios de perpetuação do imaginário wiccano, como os filmes *O sacrifício* (2006), *Da magia à sedução* (1998), e *Jovens Bruxas* (1996).

É sob essas influências, e com predominância da adoração à figura feminina, com caráter mais naturalista e ambientalista e já midiaticizada, que a wicca é exportada para o Brasil. Como afirma Duarte:

A Wicca chegou ao Brasil, de forma ainda tímida, provavelmente em meados da década de 1980. Somente a partir do início da década seguinte, no entanto, é que surgem no mercado brasileiro os primeiros livros sobre o assunto, traduções de obras populares nos Estados Unidos, de autores como Lois Bourne, Scott Cunningham e Laurie Cabot. Apenas a partir de 1998 é que se nota uma multiplicação de títulos e uma grande difusão da sua doutrina como religião alternativa. (DUARTE, 2003, p. 2).

A wicca logo se popularizou também no Brasil,

principalmente através das obras dos autores citados acima, e também mediante o acesso a textos fundantes como os do casal Farrar, de Valiente e do próprio Gardner, quando estes autores começaram a ser traduzidos. Hoje existe um grande número de autores brasileiros que escrevem sobre o tema, desde a história da wicca até manuais de feitiços e rituais. Entre estes se destaca Claudiney Prieto, autor de inúmeras obras a respeito da wicca: *Wicca para todos*, disponível para download gratuito; *A arte da invocação*; *Ritos de Passagem*, *Wicca para bruxos solitários*, *Wicca: a religião da Deusa*, entre outros.

Dessa forma, no Brasil o principal meio de perpetuação da religião wicca se dá através da leitura, principalmente de livros especializados, mas também pelo meio virtual em sites e blogs a respeito do assunto; além, é claro, do acesso à literatura como o caso das *Brumas de Avalon* e através dos filmes acima citados. Atualmente, é muito vasto o arsenal teórico e didático de como vivenciar a wicca. A seguir buscarei refletir sobre as principais características da religião, como esta é formada e quais seus pontos principais.

The Craft of the Wise

A Wicca, ou a 'Arte' como é chamada por seus membros, é uma religião complexa e multifacetada, cujas influências se estendem às mais diversas tradições e que se moldou com múltiplas faces, sendo a maior tradição hoje dentro do movimento neopagan. E não seria errado considerá-la como a precursora de todas as demais tradições que se estabeleceram dentro deste guarda-chuva religioso.

A wicca é hoje definida pelo *Dicionário de Religiões e Crenças Modernas* como um

Vigoroso movimento religioso que advoga a prática da BRUXARIA. Os adeptos da wicca dizem que o entendimento tradicional da bruxaria como algo maligno está equivocado e que eles praticam as antigas artes da cura e uma religião pré-cristã. Wicca é uma religião naturalista que envolve práticas RITUAIS que giram em torno do calendário solar, de CRENÇAS POLITEÍSTAS e da adoração de vários deuses. Os adeptos enfatizam o caráter curativo dos rituais e declaram procurar o bem de todos os seres. (HEXHAM, 2003, p. 170).

Já mencionamos a relação com a bruxaria e sua "antiguidade"; nos deteremos agora nas características da religião. Karina Oliveira Bezerra, em seu

artigo 'Conhecendo a Wicca: princípios básicos e gerais', elenca dez tópicos como sendo os principais princípios wiccanos: 1) Culto à Deusa Tríplice e seu Consorte; 2) Iniciação; 3) Respeito ao conselho wiccaniano; 4) Submissão à Lei Tríplice; 5) Celebração dos ciclos da natureza; 6) crença na reencarnação; 7) crença na Teia Universal; 8) Respeito absoluto à vida; 9) prática da magia natural; 10) proibição completa do proselitismo. (BEZERRA, 2010). Essas concepções foram sendo moldadas e construídas por seus adeptos e praticantes à medida que a wicca se estabelecia como religião; hoje esses traços fazem parte de sua estrutura e sistema de crenças e práticas.

No decorrer deste capítulo buscaremos retornar a cada um destes princípios, buscando compreender como estes receberam os traços das obras, tradições, autores e contextos já mencionados. Não buscaremos através de um determinismo simplista mostrar como cada traço recebido moldou partes destes princípios, mas sim analisar como a complexa relação da recepção e de ressignificação de alguns traços mencionados foram ativamente transcriados para moldarem-se a uma lógica moderna e necessária no contexto em que foram adotados.

Adoração ao Casal Divino

Na wicca a divindade se apresenta sob dois aspectos, o masculino e o feminino; logo, temos uma Deusa e um Deus, como já vimos em muitas passagens, uma Grande Mãe e um Deus da Caça ou Deus Cornífero.

Como analisamos no decorrer desta pesquisa, essa concepção se constituiu através de nomes como Evans, Joseph Campbell, Marija Gimbutas, James Frazer e Graves – entre outros –, sendo este último o responsável pela tese de uma deusa matriz adorada desde a antiguidade e sendo Evans a precursora da noção da tríplice da deusa. Após as influências do movimento feminista temos ainda uma preponderância moderna da deusa sob seu consorte. Desta forma, na wicca, religião telúrica, a deusa é tida como a própria terra que a tudo criou e a tudo dá a vida, uma grande matriz que possui inúmeras faces e milhares de nomes, uma divindade agrupadora, em relação a qual as deusas são apenas faces. Sob a máxima 'Todas as Deusas são faces da Grande

Mãe e Todos os Deuses são faces do Deus Cornífero', Miriam Simos, mais conhecida pelo nome Starhawk, autora da obra *Dança Cósmica das Feiticeiras*, nos explica sobre a natureza da Grande Mãe:

A Deusa possui infinitos aspectos e milhares de nomes. Ela é a realidade por trás de várias metáforas. Ela é a realidade, a deidade manifesta, onipresente em toda a vida, em cada um de nós. A Deusa não é distinta do mundo. Ela é o mundo e todas as coisas nele: lua, sol, estrela, pedra, semente, rio, vento, onda, folha e ramo, broto e flor, dentes e garras, mulher e homem. Em feitiçaria, carne e espírito são uma só coisa.

[...]

A Deusa é a primeira em toda a Terra, o mistério, a mãe que alimenta e que dá toda a vida. Ela é o poder da fertilidade e geração; o útero e também a sepultura que recebe, o poder da morte. Tudo vem dela, tudo deve retornar para Ela. Sendo terra, também é a vida vegetal; as árvores, as ervas e os grãos que sustentam a vida. Ela é o corpo e o corpo é sagrado. Útero, seios, barriga, vagina, pênis, osso e sangue; nenhuma parte do corpo é impura, nenhum aspecto dos processos vitais é maculado por qualquer conceito de pecado. Nascimento, morte e decadência são partes igualmente sagradas do ciclo. (STARHAWK, 1993, p. 29)

Dessa forma, a deusa é a divindade centralizadora de todo wiccano; é ela quem dá origem aos demais princípios da wicca. Na cosmologia da religião, ela é adorada sob sua tríplice manifestação “etária”, isto é, como donzela, mãe e anciã, os três aspectos da vida de cada mulher, relacionadas a cada face da lua. Claudiney Prieto comenta:

Nas práticas Pagãs a Deusa possui três aspectos distintos. A Triplicidade da Deusa é muito anterior ao Cristianismo e não é difícil que seja ela quem deu origem ao pensamento da Trindade Cristã. Porém na Wicca, a Triplicidade se refere a três estados distintos da mesma divindade. Cada um destes aspectos tem suas características particulares, distintas das outras e cada uma delas traz a possibilidade de serem relacionados com aspectos internos de nossa psique. Suas três faces são a Donzela, a Mãe e a Anciã, os seus aspectos reverenciados por toda a humanidade desde tempos imemoráveis.

A Donzela representa os impulsos, os começos e está relacionada à Lua Crescente.

A Mãe é a Doadora da Vida, a Grande Nutridora e está associada à Lua Cheia.

A Anciã é a detentora da sabedoria, A Grande Conhecidora e Transformadora e está associada à Lua Minguante. (PRIETO, 2009, p.48)

O comentário acima retorna a questão da wicca como culto imemoravelmente antigo, cujas influências poderiam inclusive ter oferecido o ‘modelo’ da trindade cristã, fortalecendo assim a noção da antiguidade dos traços wiccanos, assim como da antiguidade da deusa e de seu caráter triplo. Dessa forma,

a deusa pode ser considerada a base e a estrutura da wicca. Starhawk inclusive cria em sua obra um mito metafórico de criação do mundo:

Solitária, majestosa, plena em si Mesma, a Deusa, Ela, cujo nome não pode ser dito, flutuava no abismo da escuridão, antes do início de todas as coisas. E quando Ela mirou o espelho curvo do espaço negro, Ela viu com a sua luz o seu reflexo radiante e apaixonou-se por ele. Ela induziu-o a se expandir devido ao seu poder e fez amor consigo mesma e chamou Ela de “Miria, a Magnífica”.

O seu êxtase irrompeu na única canção de tudo que é, foi ou será, e com a canção surgiu o movimento, ondas que jorravam para fora e se transformaram em todas as esferas e círculos dos mundos. A Deusa encheu-se de amor, que crescia, e deu à luz uma chuva de espíritos luminosos que ocuparam os mundos e tornaram-se todos os seres.

Mas, naquele grande movimento, Miria foi levada embora, e enquanto Ela saía da Deusa, tornava-se mais masculina. Primeiro, Ela tornou-se o Deus Azul, o bondoso e risonho deus do amor. Então, transformou-se no Verde, coberto de vinhas, enraizado na terra, o espírito de todas as coisas que crescem. Por fim, tornou-se o Deus da Força, o Caçador, cujo rosto é o sol vermelho mas, no entanto, escuro como a morte. Mas o desejo sempre o devolve à Deusa, de modo que ele a Ela circula eternamente, buscando retornar em amor.

Tudo começou em amor; tudo busca retornar em amor. O amor é a lei, mestre da sabedoria e o grande revelador dos mistérios. (STARHAWK, 1993, p. 33).

Como consorte, o Deus Cornífero é a representação da natureza selvagem, o impulso criador e fertilizador, amante e filho, aquele que eternamente retorna à mãe; como propagado por Frazer, é o Rei Divino que se sacrifica periodicamente originando os ciclos naturais. O deus personifica tudo o que é livre e indomável, muitas vezes identificado com o deus Pã, afinal, como vimos, fora esta a divindade escolhida para combater o puritanismo inglês, perfeito para representar os ideais de sexualidade e caça. Também o deus pode ser “dividido” entre os personagens Rei Azevinho e Rei Carvalho, representando as metades claras e escuras do ano, personificando e dando sentido ao mito que gera através de seu sacrifício e renascimento. Assim como a deusa é relacionada à lua e à mulher, o deus é relacionado ao sol e ao homem, ao calor, à fecundação e à energia masculina; e, assim como ela, também ele é reconhecido como senhor de muitas faces, sendo o arquétipo de todos os deuses.

Iniciação

Como qualquer crença religiosa a wicca possui

certos “rituais de passagem”, dentre eles, o mais importante é o ritual de iniciação. Levando em consideração sua influência maçônica a wicca comumente apresenta como parte de sua ritualística a iniciação em três graus, o iniciante, a baixa magia e a alta magia, ou seja, 1º, 2º e 3º graus na magia, cada um destes graus possui a duração de um ano e um dia, completando em cada um deles uma *Roda do Ano* completa para então o praticante receber o título de sacerdote ou sacerdotisa. Nos anos iniciais da wicca esse processo só era aceito se feito através de um *coven*, isso é, um grupo de bruxos e bruxas que iniciariam o novo praticante, entretanto, com o tempo e como muitos interessados não tinham a disposição um *coven*, o processo solitário e a auto-iniciação passaram a ser aceitos, embora este seja ainda um assunto polêmico e com inúmeras variantes de praticante para praticante e de tradição para tradição. Como comenta Karina Bezerra:

No começo, ou seja, nas ilhas britânicas, o aprendiz só podia ser iniciado por outro iniciado, sacerdotisa ou sacerdote, mas, com seu estabelecimento nas Américas e Austrália, entre inúmeros fatores, sendo o mais óbvio a falta de iniciados nos mencionados locais, a autoiniciação e a prática solitária passaram a integrar a Wicca. Essa mudança de percepção é totalmente coerente com o significado fundamental da iniciação, que diz que ninguém pode transformar outro em bruxo, “o verdadeiro bruxo se forma entre o indivíduo, a Deusa e o Deus Cornífero”. (BEZERRA, 2010, p. 107).

Essa mudança tornou-se possível, também, graças à possibilidade de se ter acesso ao estudo da religião pelas obras publicadas em massa, visto que, sem esses “manuais”, seria difícil qualquer autoiniciação. De qualquer forma, tanto para autoiniciações como dentro de um *coven*, seguem-se os passos já mencionados da iniciação gradativa, lembrando que também nesse caso existem muitas diferenças para cada praticante e cada tradição. De modo geral, os graus representam, respectivamente:

O 1º grau, chamado por vezes de ‘período de dedicação’ é comumente visto como uma apresentação do neófito (novo membro) aos deuses, aos elementais, ao círculo mágico e aos instrumentos mágicos; é uma espécie de “batismo”, representando um morrer e nascer simbólicos, um renascer para os deuses. Durante um ano litúrgico, o novo membro começa seus estudos básicos sobre a religião e se familiariza com os seus conceitos básicos, assim como passa a se habituar às práticas da religião. O 2º grau representa um aprofundamento nos estudos e na prática ritual; o praticante começa

sua preparação para o sacerdócio, e já tem a permissão de iniciar neófitos no 1º grau. O 3º grau torna o participante um sacerdote, preparado para a celebração das cerimônias e realização dos rituais, aprofundando seus estudos no que é chamado de Alta Magia; neste nível o praticante deve possuir conhecimento de toda a estrutura da religião e capaz de ser independente para realizá-las.

Cada etapa é realizada seguindo a vontade de cada adepto; este só passa para a etapa seguinte quando se considerar preparado; mesmo sendo comum o tempo de um ano e um dia, esse tempo pode ser muito flexível, lembrando as características do esoterismo e do ocultismo já mencionados, de aperfeiçoar-se em um esforço pessoal em níveis progressivos.

Além destes níveis, outros ritos e rituais fazem parte da cosmologia wiccanas, entre eles os festivais anuais, solares e lunares, comentados posteriormente; e também, para aqueles que desejarem, a celebração do “batismo”, no sentido de um rito para o nascimento de uma criança, do casamento e também para a morte. Cada um destes possui sua peculiaridade e é realizado de forma particular; entretanto, a ritualística wiccanas se desenvolve com elementos comuns em todos os rituais, sendo muito influenciada pelas concepções de Eliphas Levi e de Alesteir Crowley, além dos traços sobreviventes da maçonaria e das sociedades rosicrucianas.

Os rituais wiccanos se desenrolam a partir do já mencionado fechamento do círculo mágico, com a evocação, em cada quadrante, dos elementais respectivos, traçando de forma imaginária ou real um círculo no chão que delimitará a área do ritual, transformando assim aquele espaço de profano em sagrado. Tanto a concepção do círculo mágico como dos quadrantes e espíritos elementais, a prática de traçar pentagramas no ar para a evocação, assim como a própria simbologia deste símbolo são ideias presentes nas obras de Eliphas Levi, assim como também o são a conjuração dos elementais e os ordálios para dominá-los.

Os espíritos elementais são como crianças e atormentaram mais aqueles que deles se ocupam a menos que sejam dominados mediante uma elevada razão e muito severamente. São esses espíritos que designamos com o nome de elementos ocultos.

[...]

Para dominar os espíritos elementais e se converter em rei dos elementos ocultos, é preciso ter sofrido primeiramente as quatro provas das antigas iniciações, e como as iniciações já não existem mais, é necessária substituí-las por análogos. (LEVI, 2011, p. 242-243).

Sobre o pentagrama, diz Levi:

O pentagrama, chamado nas escolas gnósticas de estrela flamejante, é o signo da onipotência e da autocracia intelectuais.

É a estrela dos magos, é o símbolo do verbo feito em carne e segundo a direção de seus raios, esse símbolo absoluto em magia representa o bem ou o mal [...] esse signo absoluto, esse signo tão antigo quanto a história ou ainda mais antigo que ela, deve exercer, e desde logo exerce, uma influência incalculável sobre os espíritos desligados de seus envoltórios materiais. (LEVI, 2011, p. 250).

Levi nos cita ainda as orações para conjuração de cada um dos elementais, que são os *silfos*, elementais do ar, as *ondinas*, da água, as *salamandras*, do fogo, e os *gnomos*, da terra. Os ordálios mencionados por Levi possibilitam o enfrentamento direto de cada elemento, mesmo que isso signifique expor-se a um incêndio ou atravessar um abismo.

Na wicca, durante o fechamento do círculo, evoca-se no norte o elemento terra e os *gnomos*, no leste o ar e os *silfos*, no sul as *salamandras* e o fogo e no oeste as *ondinas* e a água. Isso pode ser feito traçando-se como o *athame*, uma arma ritual, um pentagrama em cada um destes quadrantes, podendo também ter um pentagrama traçado dentro do círculo mágico, delimitando assim os espaços de cada elemento. Após a conclusão do ritual, abre-se o círculo mágico, banindo os elementais na direção contrária à evocação, começando no oeste e finalizando no norte. Conclui-se o ritual com o canto ou proclamação da frase ou estrofe:

O círculo está aberto, mas não foi quebrado.
O amor da Deusa
Está dentro de nós
Feliz encontro, feliz partida
Para um feliz reencontro¹¹

Esses versos nos remetem ao “*happy have we meet, happy may we part and happy meet again!*” (“felizes nos encontramos, felizes partiremos e felizes nos encontraremos novamente”), já mencionados como a maneira como se encerravam os ritos maçônicos, também chamada de *Craft* (Arte), nome igualmente adotado pela wicca.

O pentagrama mencionado por Levi foi adotado pela wicca como símbolo supremo, representando muitas vezes os cinco elementos da natureza (água, ar, fogo, terra e éter – ou espírito); de Crowley foi adotado muitas das práticas rituais e cerimoniais, como as próprias referências ao círculo mágico, as-

sim como muitas outras:

Em um sentido bastante real, o Círculo não é o giz ou a fita no chão, mas a aura do próprio magista. Ela não apenas define e circunscreve tudo que ele ou ela é, mas se posiciona como uma fortaleza contra tudo que se encontra no “exterior”.

O Círculo é o universo do magista, o centro do Círculo é o ponto de equilíbrio supremo, o ponto de apoio a partir do qual ele move os mundos. (DUQUETTE, 2011).

Dessa forma, estas obras são de certa forma manuais de apoio ou tutoriais para a prática wiccanica; e como já conhecemos a relação de Gardner com Crowley e deste com a *O.T.O.*, não é difícil perceber que a wicca construiu sua prática cerimonial a partir destes referenciais.

Respeito ao conselho wiccaniano e Submissão a Lei Triplíce

Ambas são máximas aceitas pela wicca e como tais devem ser seguidas por todos os seus adeptos. A primeira afirmação, “Faça o que tu queres, desde que não prejudique a ninguém”; e a segunda avisa: “Tudo o que fazemos volta para nós triplicado”. Claudiney Prieto comenta:

O Dogma da Arte, também chamado de Rede Wiccaniana, é um código moral simples que diz “Faça o que desejar, sem a ninguém prejudicar”. É seguido por todos os praticantes da Wicca, ou ao menos deveria ser, assim como os mandamentos deveriam ser seguidos por todos os Cristãos. A Lei Triplíce é outro fundamento Wiccaniano aceito e que afirma que “Tudo o que fazemos para o bem ou para o mal volta a nós triplicado e nesta encarnação”. Trata-se de um fundamento, derivado do Dogma da Arte, e que é comumente aceito por todos. (PRIETO, 2009, p. 17).

Em relação ao primeiro mandamento, percebemos novamente a influência de Crowley e de sua célebre frase: “Não há lei além do Faze o que tu queres”. Karina Bezerra comenta que “O conselho é uma norma que norteia toda a vida dos wiccanos, em todos os aspectos. A origem do “faça o que tu queres” se encontra no ‘*Liber Al*’, ou ‘O Livro da Lei’ (BEZERRA, 2010, p. 109), e assim como o “amor é lei, amor sob vontade” foi ressignificado e adaptado para a wicca, que acrescentou o “desde que não prejudique a ninguém”, o que explica a lei tríplice, que diz que tudo o

11 Canto tradicional wiccano.

que é feito volta três vezes a quem a praticou.

Fazer mau uso desse poder (*magia*) (i.e., despertá-la para fins destrutivos) é acionar uma corrente de energia negativa. Uma vez que ela começou, uma vez que o mago provocou uma tragédia metafísica, não há volta. O gatilho foi puxado. Ao programar energia pessoal com negatividade, o mago infunde seu poder individual soltando-o junto. Logo, isso se volta contra o mago. (CUNNINGHAM, 1998, p.25).

Dessa maneira, a prática da magia natural e da bruxaria, para um wiccano, deve ser sempre realizada de maneira positiva e responsável, sendo permeada por essas duas máximas.

Celebração dos ciclos da natureza

Como uma religião naturalista, a wicca possui um calendário voltado aos ciclos da natureza; além dos ritos já comentados, a wicca celebra anualmente 21 rituais específicos, os sabás e os esbás (*sabbaths* e *esbaths*).

Os esbás são festivais lunares que ocorrem a cada lua cheia do ano, totalizando 13 festivais anuais. Tradicionalmente o Esbá é a reunião do coven local para discutir assuntos locais, ou também para a diversão, e é, comumente realizado na lua cheia. São, dessa forma, reuniões mais fechadas.

Os sabás são festivais solares dos quais decorre a chamada Roda do Ano, uma sucessão temporal vinculada a uma mitologia gerada pelo sacrifício e renascimento do Deus Cornífero. Os Sabás são oito, *Samhain*, *Yule*, *Imbolc*, *Ostara*, *Beltane*, *Litha*, *Lammas* e *Mabon*. Estes rituais ocorrem nos solstícios de verão e inverno, nos equinócios de outono e primavera (os chamados “sabás menores”) e nas épocas de transição entre estes (os “sabás maiores”). O mito dá forma a essa sucessão temporal:

Apixonado o Deus Cornífero, mudando de forma e mudando de rosto, busca sempre à Deusa. Neste mundo, da procura e da busca, surge a Roda do Ano. Ela é a Grande Mãe que dá a luz à ele como divina Criança do Sol, no solstício de inverno. Na primavera, ele é o semente e semente que germina com luz crescente, verde como os novos brotos. Ele é o jovem touro; ela, a ninfa sedutora. No verão, quando a luz é mais duradoura, unem-se, e a força de sua paixão sustenta o mundo. Mas a face do Deus escurece à medida que o sol enfraquece, até que, finalmente, quando o grão é colhido ele também Se sacrifica ao self a fim de que todos possam ser nutridos. Ela é a ceifeira, o túmulo da terra ao qual todos devem retornar, durante as longas noites e dias que escurecem, ele dorme em seu ventre; em seus sonhos, ele é o Senhor da Morte que rege a Terra da Juventude, além

dos portais da noite e do dia. Sua sepultura escura torna-se o útero do renascimento, pois no meio do inverno Ela dá, novamente, a luz a ele. O ciclo termina e começa outra vez, e a Roda do Ano gira, ininterruptamente. (STARHAWK, 1993, p. 43).

Então, a partir desta mitologia, a Roda do Ano ganha um sentido, e cada pedaço deste mito ganha forma em um dos sabás, a partir do mito acima, podemos compreender que, como Duarte nos explica:

No início da primavera, tanto a Deusa quanto o Deus se apresentam em seu aspecto jovem, ela como virgem e ele como criança-divina. Conforme o ano avança em direção ao verão, eles amadurecem em poder e vigor e se dá o casamento divino. No auge do verão, a Deusa está grávida e o Deus, até então representado como “Rei do Carvalho”, torna-se o sábio “Rei do Azevinho” e a Deusa recolhe-se ao mundo inferior para dar a luz, o que acontece no auge do inverno, quando tem lugar o renascimento do “Rei Carvalho” e o início de um novo ciclo. (DUARTE, 2003, p. 74).

Dessa forma, *Samhain*, mais conhecido como *Halloween*, que ocorre na transição de outono para inverno, marca a data em que o *Rei Azevinho* termina seu recolhimento na morte e que a Deusa se recolhe no mundo inferior. Esta data representa o início do ano, é a preparação para o inverno e é quando a separação do mundo dos vivos e dos mortos está mais tênue, sendo uma data de comunhão com os espíritos dos antepassados.

Em *Yule*, o solstício de inverno, nasce à Criança da Promessa sob a face de Rei Carvalho, simbolizando o início da metade crescente do ano. *Imbolc*, a transição entre inverno e primavera, representa o crescimento da criança da promessa, são os primeiros impulsos de luz depois do inverno, e representa o retorno da Deusa ao seu aspecto de Virgem para crescer com o Deus, comemorada nesta época sobre a face de Brighid que representa o fogo em ascensão. É um ritual de purificação e preparação para a primavera.

Ostara, o equinócio de primavera, é representado o amadurecimento do Rei Carvalho, que adulto já equilibrou a luz e as trevas. Também representa a fertilidade tanto do Deus quanto da Deusa, e é a data que representa a preparação para o plantio vindouro, é quando ocorre *Beltane*, a transição de primavera e verão, este ritual de fertilidade representa a união ou casamento divino, a união sexual da Deusa e do Deus, é quando ocorre o plantio, como fecundação da própria natureza.

Litha, o solstício de verão, chamada também de *midsummer*, é a comemoração do final do plantio e a expectativa de uma boa colheita, representa o ápice das forças solares, e a Deusa

e o Deus em sua plenitude.

Em *Lammas*, a transição entre verão e outono, ocorrem as primeiras colheitas do ano. Representa o sacrifício simbólico do Deus para gerar os grãos que serão colhidos, e quando se inicia a metade escura do ano e o reinado do Rei Azevinho, é quando a Deusa torna-se a mãe dos cereais, aceitando sua maturidade e velhice. Chega por fim *Mabon*, o equinócio de outono, e a segunda colheita do ano, quando o Rei Azevinho começa seu processo de recolhimento e preparação para a morte, que se efetiva em *Samhain*.

O ano litúrgico wiccano baseia-se livremente a partir desta ordem, que, como são cíclicas, possuem variação nas datas nos hemisférios norte e no sul¹².

A mitologia da Roda do Ano é complexa, ela conta uma história cíclica, isto é, que não possui nem começo nem fim e sempre se repete, e nela estão três figuras principais, a Deusa, o Rei Azevinho e o Rei Carvalho. Janet e Stewart Farrar, em sua obra *Oito Sabás para Bruxas* refletem:

A figura do Deus-Sol, que domina os *sabás* menores dos solstícios e equinócios, é relativamente simples: seu ciclo pode ser observado mesmo através da janela de um apartamento de um elevado edifício. Ele morre e renasce no Natal; começa a fazer sentir sua jovem maturidade e a impregnar a Mãe-Terra com ela em torno do equinócio de primavera; fulgura do auge de sua glória no solstício de verão; resigna-se ao poder do quarto minguante sobre a Grande-Mãe por volta do equinócio de outono e novamente encara a morte e o renascimento na época de Natal. (FARRAR, 1983, p. 23).

Esta mitologia de morte e renascimento que engloba apenas os *sabás* menores, isso é, os solstícios e equinócios, diz respeito à decorrência das quatro estações do ano, o inverno quando o deus-sol nasce, a primavera quando cresce, o verão quando está no ápice, e o outono quando novamente morre para renascer no inverno. Em relação a esta parte mitológica da roda do ano não existe muita complexidade, entretanto esta se faz presente no restante da mitologia, Janet e Stewart continuam a nos explicar:

O tema da fertilidade natural é mais complexo. Envolve duas figuras divinas: o Deus do ano crescente (que aparece amiúde na mitologia como Rei Carvalho) e o Deus do ano minguante (o Rei Azevinho). São os gêmeos claro e escuro, cada um o “outro eu” do outro, rivais eternos que eternamente se conquistam e se sucedem mutuamente. Competem eternamente pelo favorecimento da Grande-Mãe e cada um,

no pico de seu reinado semestral, é sacrificialmente unido a ela, morre em seu amplexo e é ressuscitado a fim de completar seu reinado. (...) Esse tema, na realidade, trasborda nos *sabás* menores do Natal e do solstício de verão. No Natal, o Rei Azevinho encerra seu reinado e cede ao Rei Carvalho; no solstício de verão, Rei Carvalho, por sua vez, é desalojado pelo Rei Azevinho. (FARRAR, 1983, p. 23).

Tanto Rei Carvalho, quanto Rei Azevinho são representações simbólicas do Deus Cornífero, como os Farrar complementam, ele é (...) o Rei Carvalho e o Rei Azevinho, os gêmeos complementares vistos como uma entidade completa. (FARRAR, 1983, p. 23). Como Carvalho representa à metade clara do ano, e como Azevinho a metade escura.

A Roda do Ano é, portanto, uma sistematização simbólica dos ciclos naturais, uma metáfora explicativa sobre a decorrência das estações, na qual os três personagens representam aspectos naturais. Como Duarte (2003, p. 74) afirma: *Essa mitologia tem paralelo indiscutível (se não origem) com as ideias de Frazer sobre o rei-divino e é claramente agrária. Ao passo que a Deusa representa a própria natureza, ou a terra, ao longo do ciclo de preparação, plantio, colheita e “pausa” invernal, o Deus representa o sol e a variação da duração dos dias e do calor ao longo do ano.*

Crença na reencarnação

A crença na reencarnação evidencia que todos os praticantes da wicca creem na ideia da reencarnação. Percebemos, no decorrer destas páginas, que Gardner possuía grande apreço por teorias reencarnacionistas e espiritualistas, e muito foi influenciado pelo espiritismo e teosofia, desta forma, trouxe esta concepção para a wicca. Como percebemos acima, a concepção cíclica do calendário wiccano também remete a concepções de retorno, e dessa forma, não poderia ser diferente com os seres humanos, que assim como a natureza vivem em um ciclo de nascimento, crescimento, morte e renascimento em um ciclo evolutivo. Entretanto muitas são as teorias de como este processo se dá, variando de membro para membro.

Crença na Teia Universal e respeito absoluto à vida

12 *Samhain*: 31 de outubro no norte e 1º de maio no sul - *Yule*: 21 de dezembro no norte e 21 de junho no sul - *Imbolc*: 2 de fevereiro no norte e 1º de agosto no sul - *Ostara*: 21 de março no norte e 21 de setembro no sul - *Beltane*: 1º maio no norte e 31 de outubro no sul - *Litha*: 21 de junho no norte e 21 de dezembro no sul - *Lammas*: 1º de agosto no norte e 2 de fevereiro no sul - *Mabon*: 21 de setembro no norte e 21 de março no sul.

A teia universal é a concepção de que todo o universo esta interconectado, e desta forma, tudo tem uma razão de ser, e todos os seres vivos devem ser respeitados, gerando um respeito absoluto por todas as formas de vida.

Todas as formas de vida são respeitadas na Antiga Religião. Tudo possui igual importância. A única diferença é que as coisas estão meramente em diferentes níveis de evolução dentro dos Quatro Reinos. Os humanos não são mais importantes do que os animais, não são mais importantes que as plantas e assim por diante. Vida é vida, não importa que forma física ela adote em determinado tempo. Somos todos parte da mesma criação e tudo se conecta e se une. (GRIMASSI, 2002, p. 42).

Ideias que, em partes, muito foram influenciadas pelos movimentos ambientalistas e naturalistas, gerando na wicca uma concepção ecológica.

Pratica da magia natural

Este item se refere ao fato de que na wicca a magia é tida como natural e presente em todas as pessoas, a magia é vista como “a arte de transformar a consciência pela vontade”, e dessa forma, todo o cerimonial realizado e os símbolos contidos neles são apenas ferramentas para alterar um estado de consciência, ou para projetar energia para algo. Um feitiço é visto como um ato simbólico realizado em um estado alterado de consciência, afim de gerar a mudança desejada. Fazer um feitiço é projetar energia através de um símbolo.

Dessa forma toda pessoa pode realizar magia, desde que acredite em sua capacidade de o fazer, além de possuir honestidade, dedicação e auto-disciplina.

Proibição completa de proselitismo

Por fim, este item é por si auto-explicativo. Na wicca não pode existir nenhuma prática do proselitismo, ou seja, a conversão de fiéis, isso porque a wicca acredita que cada ser humano tem seu próprio caminho e destino, e nenhum deles é certo ou errado, é apenas uma escolha consciente de cada pessoa, e dessa forma o caminho que você segue pode não ser bom para o outro e vice versa, sendo a conversão uma pratica desnecessária. Um membro

da wicca não deve alterar os caminhos individuais de outras pessoas e sim permanecer atento ao seu próprio caminho, este só falará de sua religião se for indagado e sem jamais ter como objetivo a conversão de alguém, até porque o praticante escolheu este caminho por acreditar ser o correto para si, o que pode não se aplicar ao outro. Na wicca, o livre arbítrio tem grande importância, e o proselitismo interfere diretamente no livre arbítrio.

Estes itens dão um *cospus* religioso para a wicca, e podem ser quase que inteiramente visualizados no poema de Valiente denominado de “O credo das Bruxas” uma espécie de sistematização da religião:

Ouçã agora a palavra das Bruxas,
os segredos que na noite escondemos,
Quando a obscuridade era caminho e destino,
e que agora à luz nós trazemos.

Conhecendo a essência profunda,
dos mistérios da Água e do Fogo,
E da Terra e do Ar que circunda,
manteve silêncio o nosso povo.

No eterno renascimento da Natureza,
à passagem do Inverno e da Primavera,
Compartilhamos com o Universo da vida,
que num Círculo Mágico se alegra.

Quatro vezes por ano somos vistas,
no retorno dos grandes Sabás,
No antigo Halloween e em Beltane,
ou dançando em Imbolc e Lammas.

Dia e noite em tempo iguais vão estar,
ou o Sol bem mais perto ou longe de nós,
Quando, mais uma vez, Bruxas a festejar,
Ostara, Mabon, Litha ou Yule saudar.

Treze Luas de prata cada ano tem,
e treze são os Covens também,
Treze vezes dançar nos Esbás com alegria,
para saudar a cada precioso ano e dia.

De um século a outro persiste o poder,
Que através das eras tem sido levado,
Transmitido sempre entre homem e mulher,
desde o princípio de todo o passado.

Quando o círculo mágico for desenhado,
do poder conferido a algum instrumento,
Seu compasso será a união entre os mundos,
na terra das sombras daquele momento.

O mundo comum não deve saber,
e o mundo do além também não dirá,
Que o maior dos Deuses se faz conhecer,
e a grande Magia ali se realizará.

Na Natureza, são dois os poderes,
com formas e forças sagradas,
Nesse templo, são dois os pilares,
que protegem e guardam a entrada.

E fazer o que queres, será o desafio,
como amar um amor que a ninguém vá magoar.
Essa única regra seguimos a fio,
para a Magia dos antigos se manifestar.

Oito palavras o credo das Bruxas enseja:
sem prejudicar a ninguém, faça o que você deseja!

Além do credo, Claudiney cita em tópicos, as “regras” gerais, que praticamente toda tradição wiccana segue:

- * Convicção na reencarnação;
 - * Crença nos aspectos femininos e masculinos do Divino;
 - * Respeito na mesma proporção não só a seres humanos, mas para a Terra, animais e plantas;
 - * Observação da mudança das estações do ano, com 8 Sabbats Solares e 13 Esbats lunares, perfazendo 21 ritos anuais;
 - * Repúdio ao proselitismo;
 - * Igualdade à mulheres e homens. Apesar de a mulher ser mais enfocada muitas vezes, ambos gêneros são considerados complementares e importantes para a vida;
 - * Realização dos rituais no interior de um Círculo Mágico, pois o Círculo é um espaço sagrado usado para a adoração;
 - * Importância aos “3 Rs”: REDUZIR, REUTILIZAR, RECICLAR;
 - * O sentido de servidão à Terra;
 - * O respeito a todas as religiões e à liberdade religiosa;
 - * O repúdio por qualquer forma de preconceito;
 - * Consciência em relação à cidadania.
- (PRIETO, 2009, p.17-18).

A wicca é, portanto, uma crença neopagã naturalista, centrada na terra e na adoração ao casal divino, que utiliza a magia como algo natural ao ser humano e que deve ser utilizado com sabedoria e responsabilidade, é uma crença que por considerar que cada ser humano possui seu caminho individual muito pouco se presta a choques religiosos, sendo muito respeitosa em relação à diversidade religiosa e de culto. Ambientalista, ecológica e que prega o amor e o cuidado a todas as criaturas vivas, percebendo todo o universo como interconectado e com uma razão de ser, é uma crença que prega que tudo que é realizado retornará a quem praticou, sempre influenciando seus adeptos a agirem de boa fé e de forma positiva.

E é, por fim, uma reconstituição de diversos paganismos e uma série de traços multifacetados que foram reinterpretados em um processo de hibridização e *bricolage* que faz remontar uma essência extremamente antiga.

Considerações Finais

“Negar ou mesmo contestar as decisões da fé, e isso em nome da ciência, é provar que não se compreende nem a ciência nem a fé: com efeito, o mistério de um Deus em três pessoas não é um problema de matemática; a encarnação do Verbo não é um fenômeno que pertença à medicina; a redenção escapa à crítica dos historiadores.”

Eliphas Levi, *A chave dos grandes mistérios*

Como qualquer crença religiosa, a Wicca também constrói uma identidade própria em seus adeptos, esta identidade muito tem a ver com o contexto da criação e repercussão desta crença. Compreendemos uma identidade a partir da noção de alteridade, isso é, da diferença, o que nos permite identificar um grupo por suas particularidades e pelas características que este se auto-atribui, como afirma Woodward: *em uma situação de mudança, fluidez e constante incerteza, é comum recorrer ao passado para a criação de uma identidade que proporcione alguma certeza. Esse passado, seja de uma nação ou de um grupo específico, serve como legitimação da afirmação da sua identidade, e é criado em contraste com o presente* (WOODWARD, 2000). Duarte acrescenta que este passado é comumente um passado imaginado, mas que deve possuir verossimilhança com a realidade, para que seja validado politicamente. No caso da wicca, esta identidade, que busca em um passado imaginado sua legitimação, marca um anseio dos anos 50 e 60, anseio que, de certa forma, esta preencheu (DUARTE, 2003, p. 140).

Com esta afirmação, Duarte nos demonstra que o pós guerras foi uma época por si contracultural e subcultural, uma época de construção de uma identidade jovem que lutava pela liberação sexual, libertação feminina, liberdade de expressão, adoção de religiosidades alternativas, pacifismo, tolerância as drogas e fim da censura, originando os movimentos contraculturais do hippie, do feminismo e diversos outros grupos marginalizados. E esse foi o contexto era o presente no surgimento da wicca, uma religião alternativa que se apresentava e que possuía as características do contracultural e de certa forma, radical, feminista, ecológica, e de difícil conciliação com o cristianismo, respondendo a alguns dos maiores anseios da época, gerando sua permanência.

Outra característica da formação da identidade wiccana, é sua relação aos seus mitos de origem, ou ao já referido passado imaginado, através da sua concepção de “origem paleolítica” e do “tempo das fogueiras”, cuja origem percebemos através

da construção desta expressão religiosa e que gera nos seus membros uma relação de identidade com hierofanias extintas e também com os mortos no período inquisitorial. Tanto a contracultura, como a ligação a este passado imaginado gera na wicca uma identidade de resistência, afinal ambos à ligam a grupos marginalizados ou oprimidos.

Janet Farrar afirma que Gardner levou o ocultismo, através da wicca, das classes superiores da sociedade para a média, e Alexander Sanders, a teoria divulgado entre as classes populares, entretanto, mesmo sendo Sanders um grande divulgador da wicca após Gardner, a wicca jamais chegou às classes populares, o perfil do praticante desta crença permanece como o da classe média, com instrução acima da média e profissões estáveis e confortáveis, sendo este o perfil básico de participantes de qualquer movimento contracultural ou militante.

Outro ponto a ser pensado além da construção da identidade wiccana, é como esta se molda como uma religião,

O “caminho da Arte”, como o chamam alguns adeptos, não se destina especificamente ao alcance da felicidade, mas à reintegração do homem com a natureza e, através dela, ao divino. Embora preconize a efetividade da magia, esta não é encarada como uma forma de obter vantagens pessoais, mas como uma prática acessória que se destina, antes de mais nada, a transformar o próprio praticante, através do exercício de sua vontade. (DUARTE, 2003, p.153).

E dessa maneira, molda-se como uma crença completa, que por si mesma, preenche a necessidade religiosa de seus adeptos, construindo entre estes ao menos a característica comum do “anti-cristianismo” ou “não- cristianismo” ao passo que as demais características são flexíveis e se modificam e se ramificam em uma infinidade de tradições neopaganistas.

A partir deste panorama contextual que construímos ao decorrer desta análise, compreendermos que através de Frazer de Graves e de outros, a noção de adoração a um casal divino, representantes de todas as manifestações mágicas, cuja mitologia aborda um tempo cíclico relacionado às estações do ano e cuja deusa seria a base desde tempos imemoriais foi concebida. Com a invenção de tradições e volta a um passado romântico as raízes da Inglaterra, temos a romantização do folclore celta, das figuras dos druidas e da mitologia relacionada a estes, com Murray veio à relação com a bruxaria, e desta como um culto imemorial de sábios que sobreviveram, e, enfim, com Gardner, a pessoa que sistematizou

tudo isto em um sistema religioso moderno.

Claro que de forma alguma foi apenas isso, não busco com estas informações criar um determinismo e mostrar que cada parte da wicca veio de algo ou alguém, muito do que se vive nela é criado, reconstruído, e moldado a cada dia por seus adeptos, o que busco dizer é que com a repercussão das obras e autores citados temos algumas das características primordiais da wicca, além de um panorama geral do contexto que permitiu o afloramento desta na modernidade. Não busquei neste ensaio nenhuma contestação e sim a compreensão de como se deu o processo de invenção e construção da wicca no decorrer dos séculos XIX e XX a partir da recepção e repercussão das obras literárias que a esta expressão religiosa auxiliaram a formar.

De modo algum o que se buscou foi demonstrar que existiam todos estes traços no ar e que todos foram aglomerados para formar uma religião. Os traços citados não são contínuos, são idéias mutáveis, ressignificadas, perdidas, descontínuas e repletas de rupturas.

O mito de continuidade na wicca engloba estes traços como sinal de permanências os adequando forçadamente à uma história universal, uma teleologia, tão típica e característica do século XIX com as filosofias da história, cuja universalização busca no regresso cada vez mais distante um início para uma história ideal, mas longe de ser real. Como é este o local e época social em que a wicca molda sua história e seus mitos não seria de se esperar que estes não fossem teleológicos, cujas rupturas e lacunas são deixados de lado em prol de uma universalização, uma estrutura universalizante que não vê neste processo o anacronismo que cria ao universalizar o descontínuo.

Hoje os próprios adeptos com acesso às pesquisas históricas e sociais repensam e desconstróem, ou reconstróem essa visão universal, buscando enquadrar a sua religião em sua época mãe, a identificando no tempo que a criou, deixando de se voltar ao paleolítico e sim se voltando à Inglaterra do pós-guerras, considerando de antigo em sua crença, apenas os vestígios e traços por ela incorporados, ressignificados e adaptados a uma lógica particular, sobre isso,

Atualmente, uma parcela significativa dos Wiccanos acha questionável a alegação de Gardner de ter encontrado em coven em New Forest e sido iniciado por ele. A ideia da sobrevivência da religião desde tempos primitivos, através da Idade Média e até os dias atuais, foi praticamente abandonada, uma boa

parte dos adeptos preferindo referir-se à sua própria prática como uma tentativa de “reconstrução” de uma religiosidade ancestral, porém com bases modernas. Muitos admitem prontamente que as fontes mitológicas e rituais da Wicca são as obras de Frazer, Murray e Leland, bem como a magia cerimonial. E poucos são os que ainda defendem sua ligação com as bruxas queimadas pela Inquisição. (DUARTE, 2003, p. 161).

Sendo esse um posicionamento comum nos EUA e Reino Unido, sendo que no Brasil o pensamento referente a wicca ainda é mais romantizado. Desta forma, mesmo sento o passado imaginado um importante elemento construtor de identidade, hoje é uma característica desnecessária, devido ao amadurecimento da religião e sua solidificação, que já é auto-suficiente.

Vale acrescentar ainda, que, assim como afirma a citação de Eliphas Levi, colocada no início deste capítulo, cabe à história a compreensão do ser religioso e das particularidades da cultura religiosa, e não cabe a ela o julgamento destes valores religiosos, assim o anacronismo wiccano relacionado ao seu passado imaginado deixa de ser visto como anacronismo por uma crítica purista e pode ser entendido como um mito de origem, ou um passado idealizado que foi essencial para a constituição da religião até esta chegar a sua suficiência.

Referências

- BEZERRA, Karina Oliveira. *Conhecendo a Wicca: princípios básicos e gerais*. Revista Paralelus, ano 1, N.2. jul./dez. 2010.
- BURKE, Peter. *As fortunas d'O Cortesão*. A recepção europeia a O Cortesão de Castiglione. Trad. Alvaro Hattner. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.
- CAMPOS, Luciana de; LANGER, Johnni. *The Wiker Man: Reflexões sobre a Wicca e o neo-paganismo*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, v. 4, ano IV, n. 2, abr./mai./jun. 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Trad. Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CERIDWEN, Mavesper Cy. *Wicca Brasil: guia de rituais das deusas brasileiras*. São Paulo: Gaia, 2003.
- CUNNINGHAM, Scott. *Guia essencial da bruxa solitária*. São Paulo: Gaia, 1998.
- DARNTON, Robert. *História e Antropologia*. In: *O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DUARTE, Janluis. *Os Bruxos do Século XX: Neopaganismo e Invenção de Tradições na Inglaterra do Pós Guerras*. Dissertação de Mestrado em História. Brasília: UNB, 2008.
- _____. *A Wicca: uma religião do novo milênio*. 2003.
- DUQUETTE, Lon Milo e HYATT, Chistopher. *A Go-étia ilustrada de Aleister Crowley: evocação sexual*. Tradução de André Oídes. São Paulo: Madras, 2011.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das religiões*. Trad. Natália Nunes e Fernando Tomaz. Lisboa: Edições Cosmos, 1977.
- FAIVRE, Antoine. *O Esoterismo*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- FARRAR, Janet & Steward. *Oito sabás para bruxas: e ritos para o Nascimento, Casamento e Morte*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Anúbis, 1983.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s. d. p.].
- FRAZER, Sir James G. *The Golden Bough: a Study in Magic and Religion*. London: McMillan & Co, 1992.
- GARDNER, Gerald, B. *A bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2003.
- GINZBURG, Carlo. *História noturna*. Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Os andarilhos do bem*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GRAVES, Robert. *A Deusa Branca: uma gramática histórica do mito poético*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GRIMASSI, Raven. *Os mistérios wiccanos: antigas ori-*

- gens e ensinamentos. 3.ed. São Paulo: Gaia, 2002.
- HEXHAM, Irving. *Dicionário de religiões e crenças modernas*. Tradução Rogério Portella. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- HIGGINBOTHAM, Joyce & River. *Paganismo: uma introdução da religião centrada na terra*. Trad. Ana Carolina Trevisan Camilo. São Paulo: Madras, 2003.
- HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUTTON, Ronald. *The Triumph of the Moon: A history of modern pagan witchcraft*. New York: Oxford University Press, 1999.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LELAND, Charles G. *Arádia, o evangelho das bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2000.
- LEVI, Eliphas. *Dogma e ritual da alta magia*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Madras, 2011.
- _____. *A chave dos grandes mistérios*. Trad. Julia Vidili. São Paulo: Madras, 2005.
- MORGAN, Prys. "Da morte a uma perspectiva: a busca do passado galês no período romântico." In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MURRAY, Margaret. *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*. Trad. Getúlio Elias Schanoski Júnior. São Paulo: Madras, 2003.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e História: às práticas mágicas no ocidente cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- OLIVA, Alfredo dos Santos. *A história do Diabo no Brasil*. São Paulo, Fonte Editorial, 2007.
- PRIETO, Claudiney. *Ritos e mistérios da bruxaria moderna*. São Paulo: Gaia, 2004.
- PRIETO, Claudiney. *Wicca para todos*. [s. l.]: [s. e.], 2009.
- STARHAWK. *A Dança Cósmica das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- VALIENTE, Doreen. *Enciclopédia da bruxaria*. Trad. Getúlio Elias Schanoski Júnior. 2º ed. São Paulo: Madras, 2009.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* in Tomaz Tadeu da Silva (org). *Identidade e Diferença*. Petrópolis: vozes, 2000.